

Luís Carlos Silva Magalhães

N.º 32289

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, nos termos do Decreto-Lei n.º 74/2006, de 24 de março, republicado pelo Decreto-Lei n.º 63/2016, de 13 de setembro.

Trabalho realizado sob a orientação da Prof.^a Mafalda Machado no Instituto Universitário da Maia.

Magalhães, L. (2018). Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada do Curso de 2.º Ciclo em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado ao Instituto Universitário da Maia.

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO FÍSICA, PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA, ESCOLA, ENSINO, ESTÁGIO.

AGRADECIMENTOS

Realizar este estágio e relatório final de estágio só foi possível com a contribuição direta e indireta de algumas pessoas. Gostaria de deixar, assim, o mais sincero agradecimento por todo o apoio.

- À minha família pelo apoio, confiança e incentivo e, acima de tudo, por terem contribuído por fazerem de mim a pessoa que sou hoje.
- À minha namorada, Sarai Machado, por todo o apoio proporcionado ao longo do estágio, pelo carinho, pela partilha e ajuda, pelas palavras certas no momento certo e por estar comigo em todos os meus desafios.
- A todos os meus professores, por terem contribuído para o meu enriquecimento académico e profissional.
- À Professora Elsa Cabo, não só pela sua fantástica e plena orientação, mas também por me mostrar que devemos ser exigentes nos nossos trabalhos, devemos crescer e por acompanhar a minha evolução. O carinho, incentivo as aprendizagens, ao longo do estágio, foram fundamentais para o meu crescimento e para me sentir realizado e feliz com este ano de trabalho.
- À Professora Mafalda Machado, pelos conselhos e sugestões, pelo apreço e disponibilidade durante todo o estágio.
- Ao grupo de Educação Física da Escola Básica e Secundária Levante da Maia, pela partilha de ideias, pelo apoio e pelo bom ambiente proporcionado ao longo do estágio.
- À direção da Escola Básica e Secundária Levante da Maia, pelo apoio sempre prestado e pelo carinho com que recebem os estudantes estagiários.

- Aos meus colegas de estágio, Sofia Silva e João Paiva, pela união, compreensão, pela força, pela ajuda, pela paciência, pela evolução conjunta e pela partilha de conhecimentos ao longo deste percurso.
- Por último, aos meus alunos, que desde o início ao final do estágio, marcaram o meu ano, tornando-o inesquecível e tendo sido muito importantes no meu percurso.

RESUMO

O presente relatório desenvolveu-se no âmbito do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, correspondendo à caracterização, análise e reflexão crítica da Prática de Ensino Supervisionada, realizada na Escola Básica e Secundária do Levante da Maia, durante o ano letivo 2017-2018.

O estágio profissional representa o momento de transpor e aplicar os conhecimentos adquiridos para o contexto real, proporcionando uma aprendizagem completa sobre o saber, ser e estar enquanto professor de Educação Física.

Neste sentido, pretende-se, com este documento, enquadrar e analisar todo o processo de realização e aprendizagem desenvolvidos ao longo de 3 capítulos.

Num primeiro momento, procura-se retratar o ponto de partida do estagiário, quer a nível pessoal, quer a nível profissional, bem como as suas expectativas iniciais relativas ao estágio.

Segue-se o enquadramento e descrição da prática profissional, englobando a organização e gestão do processo de ensino e aprendizagem, as relações sociais com a comunidade e o desenvolvimento profissional.

O documento é finalizado com a reflexão e análise crítica de todo o processo. Neste momento, verifica-se a consolidação e aprofundamento dos conhecimentos adquiridos ao longo do percurso realizado no primeiro ano do 2.º ciclo de estudos. Analisa-se a evolução e enriquecimento pessoal e profissional conseguidos, através da superação dos desafios propostos, no contexto da atividade de docência.

Em suma, concretiza-se neste documento a reflexão de todas as experiências, obstáculos e sucessos que permitiram o enriquecimento pessoal e profissional.

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO FÍSICA, PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA, ESCOLA, ENSINO, ESTÁGIO.

ABSTRACT

This report was developed within the framework of the Master's Degree in Physical Education Teaching in Basic and Secondary Education, corresponding to the characterization, analysis and critical reflection of the Supervised Teaching Practice, held in the Secondary School of the Maia Levante, during the school year 2017-2018.

The professional internship represents the moment to transpose and apply the knowledge acquired to the real context, providing a complete learning about the knowledge and being as a physical education teacher.

In this sense, it is intended, with this document, to frame and analyze the entire process of achievement and learning developed through 3 chapters.

At the outset, the trainee's point of departure is sought, both personally and professionally, as well as his initial expectations regarding the traineeship.

It follows the framework and description of professional practice, encompassing the organization and management of the teaching and learning process, social and community relations, and professional development.

The document is finished with the reflection and critical analysis of the whole process. At this moment, there is a consolidation and deepening of the knowledge acquired during the course carried out in the first year of the 2nd cycle of studies. It analyzes the evolution of personal and professional enrichment achieved, by overcoming the challenges proposed, in the context of the teaching activity.

In short, this document reflects on all the experiences, obstacles and successes that have enabled personal and professional enrichment.

KEY WORDS: PHYSICAL EDUCATION; SUPERVISED TEACHING PRACTICE; SCHOOL; TEACHING; INTERNSHIP.

ÍNDICE DE SIGLAS E ACRÓNIMOS

EBSLM - Escola Básica e Secundária do Levante da Maia

EE - Estudante Estagiário

MEEFEBS - Mestrado de Ensino da Educação Física do Ensino Básico e Secundário.

PES - Prática de Ensino Supervisionada.

UD - Unidade Didática

INDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	I
RESUMO	III
ABSTRACT	V
ÍNDICE DE SIGLAS E ACRÓNIMOS.....	VII
INDICE GERAL	IX
INTRODUÇÃO	1
I. DIMENSÃO PESSOAL E PROFISSIONAL	3
1. Uma decisão a partir de um percurso	3
2. Expectativas iniciais.....	6
II. PRÁTICA EM CONTEXTO	9
1. A importância da PES	9
2. A escola cooperante: lugar de prática.....	11
III. PRÁTICA PROFISSIONAL: DO PLANO DA ANÁLISE AO DA INTERVENÇÃO	18
1. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem	18
1.2. Realização	23
1.3. Avaliação	27
1.4. Contruir e reconstruir o conhecimento: impactos da experiência e atuação	30
2. Participação na escola e relação com a comunidade	31
2.1. Atividades realizadas	32
2.2. Socialização profissional e institucional	39

2.3. Impactos da experiência e atuação.....	40
3. Desenvolvimento profissional.....	41
3.1. Dificuldades e necessidades de formação	41
3.2. Formação contínua: um imperativo da profissão	42
IV. REFLEXÕES FINAIS	45
4.1. Experiência pessoal e profissional	45
4.2. A componente ético-profissional	45
4.3. Realidade do contexto escolar: impacto da PES	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	49

INDICE DE FIGURAS

FIGURA 1: HORÁRIO LETIVO 2017/2018 PROFESSORA ELSA CABO.....	14
---	-----------

INTRODUÇÃO

No âmbito da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada (PES), inserida no plano curricular do 2.º ano do Mestrado de Ensino da Educação Física do Ensino Básico e Secundário (MEEFEBS), do Instituto Superior da Maia, tivemos a oportunidade de realizar um estágio na Escola Básica e Secundária do Levante da Maia. Era objetivo deste estágio proporcionar aos Estudantes Estagiários (EE) um envolvimento e desenvolvimento da prática docente, em contexto real, bem como o contacto direto com a comunidade escolar.

A PES conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundários e o correspondente Relatório (RPES) rege-se pelas normas da instituição universitária e pela legislação específica referente à habilitação profissional para a docência, segundo o Decreto-lei N.º 79/2014 de 14 de maio e Decreto-lei n.º 74/2006 de 24 de março na versão revista e modificada pelo Decreto-lei N.º 63/2016 de 13 de agosto. Em concordância com as normas orientadoras do estágio, o relatório integra o conhecimento teórico-prático essencial na profissão docente (Matos, 2014).

Assim, pretende-se com este relatório enquadrar os conhecimentos adquiridos pelo EE na PES, desde o dia em que a prática profissional iniciou, a 4 de Setembro de 2017, e ao longo do ano letivo 2017/2018.

A pertinência do presente documento, surge devido à importância de refletir sobre a prestação na PES, para poder melhorar e aprimorar o processo de ensino e aprendizagem. De acordo com Bryan (2000), o uso da reflexão nos programas de formação de professores é um desafio que importa assumir.

Desse modo, início o documento com as dimensões pessoais e profissionais, onde são evidenciadas as razões pelas quais surge a decisão de seguir a área de ensino de Educação Física, bem como as expectativas iniciais em relação ao início da atividade docente.

De seguida, é apresentado o local da PES, a Escola Básica e Secundária da Maia (EBSLM) e a importância da mesma para a progressão da aprendizagem do EE.

O ponto principal deste documento assenta na prática profissional, alicerçada nos três tópicos/temas seguintes: organização e gestão do ensino e da aprendizagem; a participação na escola e relação com a comunidade escolar e, por último, o

desenvolvimento pessoal e profissional. Estes pontos apresentam uma autorreflexão sobre as metodologias, princípios e estratégias adotadas pelo EE no seu processo de ensino e aprendizagem, bem como a sua prestação na prática.

Por último, apresenta-se uma reflexão final referente a PES. Neste ponto, verifica-se a consolidação e aprofundamento dos conhecimentos adquiridos ao longo do percurso realizado no primeiro ano do 2.º ciclo de estudos. Analisa-se, também, a evolução e enriquecimento pessoal e profissional conseguido, através da superação dos desafios propostos, no contexto da atividade de docência.

A realização do estágio é uma questão crucial para a formação do profissional e em especial do educador que, de maneira alguma, poderá ocupar um espaço educativo sem conhecer, de perto, a realidade escolar, com todas as suas dificuldades e diversidades e as oportunidades que esta prática de docência pode oferecer no futuro (Maciel, Feitosa & Silva, 2012).

I. DIMENSÃO PESSOAL E PROFISSIONAL

Neste primeiro capítulo, procuramos retratar o percurso pessoal, académico e desportivo do estudante estagiário, de forma a transmitir melhor o perfil e o currículo do EE.

Num segundo momento, apresentamos as expectativas iniciais, de forma a identificar os primeiros confrontos e problemáticas no estágio, para assim, ser mais fácil desenvolver competências e criar estratégias para resolver os problemas e lacunas identificadas.

1. Uma decisão a partir de um percurso

Este retrato biográfico é referente a Luís Carlos Silva Magalhães e tem como objetivo apresentar o percurso/história de vida do Estudante estagiário (EE), que, de certa forma fez com que estivesse, “hoje”, prestes a finalizar uma etapa importantíssima da sua vida, o último ano do Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

O percurso escolar do EE iniciou em 2001 na Escola Básica de Sousa em Felgueiras, após 4 anos, seguiu-se a passagem aos 2. e 3.º ciclos realizado na Escola Básica e Secundária de Idães, fazendo estas parte do mesmo agrupamento. Durante estas primeiras fases de ensino, destacam-se grandes competências físicas do EE e uma forte ligação ao desporto, atividade física e educação física na escola.

Desportivamente e academicamente, o EE teve sempre um grande apoio familiar e isso foi, sem dúvida, um grande pilar no seu desenvolvimento e na sua paixão pela atividade desportiva. Outro fator importante, prende-se com a localização destes dois estabelecimentos de ensino, que ficavam próximos da residência do estudante e, assim, este para além de se deslocar a pé, conseguia facilmente conciliar o tempo de estudo e o tempo dedicado à prática desportiva.

Nesta etapa, surgiu a oportunidade de ingressar na prática de atletismo, na União Desportiva de Várzea, clube da terra, mas com excelentes referências nacionais e mundiais na formação de jovens atletas. No clube, a especialidade inseria-se na corrida de meio fundo. Durante a prática da modalidade, conseguiu-se vários prémios relevantes a nível nacional entre os quais, o prémio de vice-campeão nacional de corrida em

montanha, em 2010, e as medalhas de prata e bronze, respetivamente, no campeonato nacional de corta mato e no campeonato nacional de corrida em montanha, em 2011. É também importante realçar a conquista de várias medalhas a nível regional, nacional individual e por equipa. A carreira no atletismo iniciou em 2006 e terminou em 2013, tendo assim, uma duração de 7 anos. O *términus* da carreira deveu-se ao facto de ingressar no ensino superior e no mundo de trabalho, o que impossibilitou a prática diária da modalidade.

Em 2010, teve início uma nova etapa, inteiramente focada na área desportiva. A escolha do curso de ensino secundário foi o curso de Gestão e Dinamização Desportiva, no Colégio de São Gonçalo, situado em Amarante. Este curso tecnológico, teve a duração de 3 anos, com disciplinas inteiramente focadas na vertente desportiva e nas disciplinas gerais, permitindo o ingresso no ensino superior. Uma das vantagens deste curso foi possibilitar a realização de um estágio curricular, no terceiro ano, com a duração de um ano letivo. O estágio foi realizado no “Ginásio G4” em Felgueiras. Consideramos que esta experiência foi bastante enriquecedora, na medida em que dá a possibilidade a todos os alunos de colocar em prática todo o conteúdo teórico adquirido nas aulas, para além, do facto de servir para esclarecer muitas dúvidas acerca de objetivos futuros. No caso em específico, fomentou ainda mais o interesse pela área, não deixando dúvidas para a escolha da licenciatura, a realizar no ano seguinte.

No que respeita à formação no ensino superior, iniciou-se em 2013 a licenciatura de Ciências do Desporto, com a duração de 3 anos, na Escola Superior de Educação do Porto. Esta formação foi concluída em 2016, tendo existido também, um estágio integrado de 6 meses no “Ginásio *GinoFitness*”, em Amarante. Apesar de a vertente dos ginásios voltar a ser o local de experiência prática, nunca se perdeu o interesse e o foco principal e único, que era seguir o percurso académico na área docente ligado à Educação Física.

Com isto, em 2016, o percurso passaria por seguir o Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, no ISMAI.

Paralelamente a todo percurso académico, desde 2013, ligado ao domínio desportivo, foi desenvolvida uma experiência profissional no setor automóvel, imobiliário, e comercial em empresas familiares. Esta vivência profissional foi, e é, essencial para a aquisição de conhecimentos “extra”, que permitem uma maior preparação no que toca a inserção de estudantes universitários no mundo de trabalho, após a

conclusão dos cursos. O contexto real do trabalho, obriga-nos a lidar com diferentes pessoas e personalidades, o que nos permite ficar mais preparados para a prática docente, uma vez que, segundo Assunção e Pinheiro (2009), ser professor de Educação Física não é tarefa fácil, pois temos que lidar com vários tipos de personalidade. Foram cinco anos de experiência profissional, que acompanharam todo o percurso académico, contribuindo, deste modo, para a formação da personalidade que se assume hoje.

No que se refere à prática de atletismo federado, foi neste período que o estagiário teve de abdicar da sua prática, onde se destacaram vários títulos nacionais, em diferentes especialidades, corrida em montanha, meio fundo em pista, corta-mato e provas em estrada. Com o ingresso na faculdade, surgiu uma oportunidade de trabalho, que desde logo, permitiu a aquisição de estatuto trabalhador estudante, e deste modo, o tempo para continuar com a carga de treino diária na modalidade ficou escasso.

Hoje, a experiência como docente, credita todo o percurso desenvolvido e todas as escolhas académicas, uma vez que existe um sentimento de felicidade e satisfação ao educar crianças e a desenvolver atividades que fomentam o enriquecimento desportivo dos alunos. Como refere Bento (2008, p.78),

“Os professores são os mais afortunados e bem-aventurados entre todos aqueles que trabalham. É-lhes dado o privilégio de fazer renascer a vida e cada dia, semeando novas perguntas e respostas, novas metas e horizontes. Constroem edifícios que perdurarão para sempre, porque a sua construção usa o cimento da entrega, da verdade e do amor”.

Em síntese, o sonho de ser professor de Educação Física esteve presente durante todas as etapas do nosso percurso, sendo adquirido através da admiração sentida pelos professores que fizeram parte da nossa formação. A paixão desportiva foi sempre um pilar na nossa educação, deixando-nos motivados para todos os afazeres e tarefas diárias que complementam o nosso desenvolvimento.

2. Expectativas Iniciais

Um projeto desafiante!

As expectativas para a Prática de Ensino Supervisionada eram positivas por ser o momento pelo qual tanto ansiamos. Contudo, existiram bastantes receios, incertezas e inseguranças, por ser o nosso primeiro contacto com a escola e com alunos. Foi, no fundo, o medo do desconhecido.

A experiência obtida através dos estágios curriculares realizados e da formação profissional eram uma mais-valia, pelo facto de já terem existido momentos, onde tivemos a possibilidade de colocar em prática o que aprendemos e lidar com diferentes personalidades. No entanto, as pessoas que frequentam os ginásios, geralmente estão motivadas e querem atingir objetivos pessoais, isto, de algum modo facilita o trabalho do instrutor/professor, uma vez que está a ensinar/orientar pessoas que querem aprender. Na escola, o facto de muitos alunos não se sentirem motivados, criou-nos algum receio e desconforto, pois alunos desmotivados, não estão recetivos à aprendizagem e tendem a perturbar as aulas.

O facto de nós, EE, não sabermos qual as turmas com que poderíamos ficar deixamos-nos mais ansiosos, apesar de ser algo que é impossível de antecipar. O primeiro contacto com os alunos e a forma como somos vistos e avaliados por eles é algo que não deixamos de pensar, quando o tema é a prática de ensino supervisionada. Consideramos que a experiência obtida no primeiro ano de mestrado, é muito limitadora, uma vez que, o nosso momento de prática nas didáticas, como professor, é completamente controlado pelos alunos, nossos colegas. Isso não nos deixa levar para estágio uma bagagem de experiências de contexto real, pois ficamos sempre com o sentimento que, na PES, as crianças não têm o mesmo comportamento e as competências físicas/psíquicas que os nossos colegas de mestrado.

Os alunos sabem que nós, EE, somos também estudantes, facto que gerou algum desconforto, na medida em que receamos que esta informação dificultasse a relação de respeito que tem de existir entre professores e alunos.

Para além da incógnita relacionada com os alunos, o meio envolvente da escola, os professores do grupo de Educação Física, os restantes professores e até mesmo os

assistentes operacionais, causaram muitas incertezas no que respeita à opinião e respeito que teriam por nós e como nos iríamos sentir perante os mesmos. A compatibilidade ou incompatibilidade de ideias com o grupo de Educação Física, foi algo que nos deixou muito receosos, pois não sabíamos como iam aceitar as nossas ideias e como nos iam integrar na comunidade educativa.

Relativamente à escolha da Escola Secundária Levante da Maia (EBSLM), foi tomada a decisão no seguimento de uma visita realizada no âmbito da unidade curricular de Desportos da Natureza, onde foi possível conhecer o ambiente geral da escola e verificar que se enquadrava com o nosso estilo/perfil de professor. As expectativas acerca da escola eram boas, por sentirmos, na nossa experiência, um ambiente muito calmo e acolhedor. Contudo, como não saberíamos, em que escola iríamos ser colocados, o receio do local de estágio, dos colegas de núcleo de estágio, assim como, a orientadora cooperante da escola, foram, também, obstáculos nas nossas expectativas iniciais.

Para além de todos os receios descritos, existia alguma insegurança em relação às modalidades a lecionar. Todos sentimos mais dificuldade em determinadas modalidades e mais identificação com outras. Este tema também nos gerava apreensão, não por não sermos capazes de lecionar todas as modalidades, mas por não sabermos quais seriam as modalidades que estavam previstas, pelo menos no 1.º período. Tal como refere Bento (2003) o ensino não é simplesmente a transmissão e apropriação simples da matéria programática. Obviamente, que, se o ano se iniciasse com as nossas modalidades preferidas, teríamos uma postura inicial mais confiante e motivadora.

No início do ano letivo, a 4 de setembro, com a apresentação na escola, da direção e da nossa orientadora, Mestre Elsa Cabo, ficamos mais calmos e com um nível elevado de confiança. A nossa orientadora deixou-nos tranquilos, explicando assim, todos os objetivos da semana e do ano, orientando, desde logo, o trabalho a ser feito de imediato o que, no fundo, foi o ponto de partida para um ano cheio de sucesso e de grande partilha de conhecimentos. Nesse momento, a distribuição de turmas foi feita e ficamos com uma turma de 9.º ano e outra de 5.º ano. A maioria do trabalho que saberíamos que tinha de ser realizado teria, assim, grande foco nestes dois anos letivos.

Em suma, as nossas expectativas acerca da PES eram altas, uma vez que teríamos um ano para aplicar, na prática, o que sabemos e focar as nossas mentes na aprendizagem dos alunos, no saber ensinar. Posto isto, devemos dizer que este ano foi importante para

aplicar o que sabemos e aprender/melhorar as nossas competências práticas, na Educação Física. Como refere Queirós, “A prática de ensino oferece aos futuros professores a oportunidade de imergirem na cultura escolar nas suas mais diversas componentes, desde as suas normas e valores, aos seus hábitos, costumes e práticas daquela comunidade específica” (2014, p. 78).

Ambiciona-se, ainda, que o término desta fase académica nos deixe totalmente preparados para dar continuidade ao nosso sonho.

II. PRÁTICA EM CONTEXTO

Procuramos neste capítulo desenvolver, num primeiro ponto, a importância que a Prática de Ensino Supervisionada tem na formação de um EE e explicar quais os intervenientes que têm grande influência neste complemento da nossa formação.

De seguida, iremos analisar o lugar onde foi efetuada a PES, a Escola Secundária do Levante da Maia, de forma a percebermos o contexto onde o EE realizou a sua experiência prática inicial como docente.

1. A importância da PES

A prática de ensino supervisionada é imprescindível na formação de professores. É a fase onde os EE obtêm as primeiras experiências como docentes e podem colocar em prática todos os conhecimentos adquiridos durante os vários anos de formação. É nesta fase que todos os estagiários são colocados à prova e sentem verdadeiramente o que é ser professor.

A primeira experiência como docente acaba por ser um complemento da formação do EE. O conteúdo teórico tem de estar presente e em constante evolução, contudo, é na prática que conseguimos perceber se sabemos ensinar. Independentemente das ideologias e conceções que sustentam as teorias propostas, o que se observa, na discussão relativa à complementaridade entre teoria e prática, é a confluência das opiniões no sentido de que o estudante-professor se formará professor sendo professor, aprenderá a dar aulas dando aulas, conhecerá os segredos da sua profissão exercendo-a e refletindo criticamente a respeito da sua atuação (Marcon, Graça & Nascimento, 2011).

Segundo Larraín (2011), a prática profissional reflexiva permite ao professor a construção de conhecimentos através da resolução de problemas que advém da prática.

O estágio supervisionado permite ao futuro profissional docente conhecer, analisar e refletir sobre seu ambiente de trabalho. Para tanto, o aluno precisa de enfrentar a realidade munido das teorias que aprendeu ao longo do curso, das reflexões que faz a partir da prática que observa, de experiências que viveu e que vive enquanto aluno, das conceções que carrega sobre o que é ensinar e aprender, além das habilidades que aprendeu a desenvolver, ao longo do curso de licenciatura que escolheu. Dessa forma, “considerar o estágio como campo de conhecimento significa atribuir-lhe um estatuto

epistemológico que supere a sua tradicional redução à atividade prática instrumental.” (Pimenta e Lima, 2012, p. 29).

Rodrigues (s.d.) apud Souza, Bonela e Paula (2007), afirmam que a profissão de professor se aprende na escola e na sala de aula e é um processo longo de uma vida. Porém, apesar de ter a duração de um ano letivo, a PES é muito intensa e todas as nossas experiências e reflexões são úteis para termos uma clara percepção do contexto real do docente, desde o envolvimento com os alunos, a metas traçadas e cumpridas e até mesmo o envolvimento com a escola e toda a comunidade. As atividades onde estivemos inseridos, as turmas que tivemos de controlar e orientar e o nosso seminário deixam marcas na nossa evolução. Segundo Jacinto (2003), o período de estágio, embora curto, parece extremamente marcante para os professores em formação, sobretudo, se corresponder ao início da sua vida profissional.

Todo este processo terá obrigatoriamente de ter o acompanhamento constante de um orientador cooperante (OC). Este é fundamental no desenvolvimento do EE, devido à experiência, à evolução das matérias e metodologias de ensino pelo qual passaram e pelo acompanhamento pedagógico, controlo, orientação e capacidade reflexiva que nos obriga a ter, em todo o processo de aprendizagem. De acordo com Albuquerque, Graça e Januário (2005), o perfil do professor cooperante, aquilo que sabe, a sua própria experiência e o modo como perspetiva e operacionaliza a sua ação, são questões essenciais para podermos compreender a influência que o OC exerce sobre os estudantes estagiários.

As práticas reflexivas são essenciais para o desenvolvimento do EE e para que o mesmo possa refletir sobre o seu desempenho e melhorar as suas prestações na lecionação das aulas. Torna-se necessário valorizar a prática como fonte e local de aprendizagem através da reflexão e investigação para promover condições de aprendizagem (recursos, tempo e oportunidades para aprender) e, assim, os alunos, futuros professores estejam empenhados em processos de reflexão sobre o processo de tornar-se professor (Flores, 2010).

Além disso, o estágio exige muitos momentos de partilha de opiniões, análise e discussões nas observações dos colegas, investigações constantes de forma a colmatar possíveis falhas ou simplesmente melhorar as nossas metodologias e ideias de trabalho. As teorias trabalhadas ao longo do curso, nomeadamente as disciplinas do primeiro ano

de mestrado servem como pilar no momento da prática de ensino e também como uma oportunidade de refletirmos acerca do que foi trabalhado. Pimenta e Lima (2012), referem que, o papel das teorias é iluminar e oferecer instrumentos/esquemas para análise e investigação que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, colocar elas próprias em dúvida, uma vez que as teorias são explicações sempre provisórias da realidade.

Podemos, então, considerar que a PES é o momento onde o EE tem o prazer de experimentar, vivenciar e sentir o que é verdadeiramente ensinar e ser professor.

Globalmente, esta etapa pode ser considerada a ponte entre a teoria aprendida, ao longo de toda a formação pessoal e académica (licenciatura e mestrado) e a efetividade da sua aplicação na prática, tendo, assim, um grau de importância elevado na vida de todos os EE.

2. A escola cooperante: lugar de prática

A EBSLM foi a selecionada para a realização da PES. Hoje, olhando para todo o percurso, considero que não poderia ter feito melhor escola.

Segundo Tojal, Costa e Beresford (2004, p. 168), “O ambiente de trabalho, pode modificar e influir sobre a atuação do ser humano, seja qual for a função que exerça”.

A escola tem um papel importante na formação do aluno e também dos professores. O lugar de prática torna-se importante na medida em que devemos escolher o local adequado às nossas características pessoais e profissionais, para que possamos estar motivados e manter boas relações com o meio de trabalho.

Reconhecendo a importância que tem o lugar de prática, destacamos também o papel da nossa orientadora cooperante, Professora Mestre Elsa Cabo, pois foi sempre um pilar presente no nosso desenvolvimento durante a PES e os seus conselhos foram essenciais para concluir toda esta etapa com qualidade.

Leandro, Batista e Graça (2014) defendem que o orientador cooperante acrescenta à sua função normal de docente os papéis e funções de apoio e coordenação do trabalho dos estagiários.

O meio envolvente

A EBSLM localiza-se na freguesia de Nogueira, sendo esta localidade do concelho da Maia, possuindo 5473 habitantes e 4,08 km² de área.

A freguesia de Nogueira foi a sede de uma freguesia extinta (agregada), em 2013, no âmbito de uma reforma administrativa nacional, desta forma, uniu-se a Silva Escura, formando uma nova freguesia denominada de Nogueira e Silva Escura.

O nome desta freguesia deriva de “Nugária” (1258), árvore de nozes, talvez, por terem sido abundantes nesta região. Localiza-se na parte central do concelho da Maia, no sopé do monte da Senhora da Hora ou Monte Calvário, tendo como extensão cerca de 368 hectares. Tem como freguesias vizinhas Silva Escura (a norte), Milheirós (a sul), Vermoim (a poente) e S. Pedro de Fins e Águas Santas (a nascente)

A freguesia de Nogueira dispõe de diversas estruturas que caracterizam o modo de vida atual, nomeadamente: transportes públicos, correios, instituições bancárias, Multibancos, Bombeiros, Centros de Saúde, abastecimento de água e de luz, recolha de lixos e saneamento.

A educação é uma aposta da freguesia, sendo que dispõe de um agrupamento de escolas, nomeadamente, Agrupamento de Escolas do Levante da Maia, constituído pelas seguintes instituições, Jardim de Infância de Barroso, Centro Escolar de Folgosa, EB Arcos, EB de Frejufe, EB de Monte de Calvário, EB de Monte das Cruzes, EB de Santa Cristina e ainda EBS Levante da Maia.

Caracterização da Escola

A escola foi construída em 1992 através da concretização de um protocolo entre a Câmara Municipal da Maia e o Ministério da Educação.

A inauguração da mesma foi realizada no dia 17 de Abril de 1993 pelo antigo Ministro da Educação, Engenheiro Couto dos Santos. Sendo o edifício apenas constituído por um bloco inteiro com uma zona central e duas laterais. Todo o edifício tem dois pisos. Esta escola constitui a sede do Agrupamento Vertical de Escolas do Levante da Maia.

Esta escola tem bastantes espaços ao ar livre à volta dos edifícios, o que permite que os seus alunos possam passar os seus tempos livres em contacto com a natureza e, por outro lado, a realização de atividades desportivas, visto que os locais exteriores para a EF podem ser sempre utilizados. Esta escola, por exemplo, é escolhida pelo Professor

Nuno Gramaxo, para demonstrações de exemplos de atividades ao ar livre, inserida na unidade curricular do primeiro ano de mestrado, denominada de Atividades ao ar livre.

No que concerne às aulas e ao tema Educação Física, esta escola disponibiliza um tempo de 100 minutos, mais um tempo de 50 minutos semanais, para todas as turmas da escola exceto o 8.º ano que tem apenas 2 tempos letivos de 50 minutos por semana.

Relacionado com a EF a escola contém ainda um pavilhão gimnodesportivo, com uma sala de ginástica adequadamente equipada (incluindo um praticável) e locais de circulação cobertos. O pavilhão gimnodesportivo contém marcações relativas a desportivos coletivos, duas balizas fixas e seis tabelas. Relativamente ao espaço exterior, este poderá ser utilizado principalmente para o atletismo, pois tem 5 pistas de velocidade, mais 3 pistas à volta do campo, podendo ser usado, também, para modalidades coletivas que possam ser praticadas ao ar livre, uma vez que tem 4 tabelas de basquetebol e 3 campos de futebol/andebol, cada campo com 2 balizas.

Embora haja um incentivo da escola à prática desportiva, a partir das atividades disponibilizadas pelos professores de EF, nomeadamente, corta-mato escolar, mega *sprint*, torneio interturmas de futebol e torneios de basquetebol, voleibol, ténis de mesa e andebol é no Desporto Escolar (DE) que existe maior aposta, uma vez que o nível socioeconómico da escola é baixo, a prática da modalidade é constante e regular neste contexto, o que não acontece nos torneios e atividades.

O grupo de Educação Física tem um trabalho colaborativo no sentido de promover o Desporto Escolar (DE) na escola. A oferta da EBSLM é vasta e diversificada, nomeadamente, Basquetebol masculino, BTT, Voleibol feminino, Ginástica acrobática e Ténis de Mesa. Perante este leque de ofertas, podemos referir que estas 5 modalidades estão disponíveis para todos os alunos da escola e direcionadas para vários alunos de diversas idades e diferentes géneros. À exceção do basquetebol e voleibol, todas as outras modalidades permitem a participação de alunos dos dois géneros. Mesmo nas duas exceções, anteriormente referidas, os alunos podem realizar os treinos, não podendo, contudo, realizar os jogos oficiais.

Pessoal docente e não docente

De acordo com os recursos humanos, a EBSLM dispõe de 8 assistentes técnicos, 25 assistentes operacionais, 24 docentes de 2.º ciclo, 53 docentes de 3.º ciclo e secundário.

Alunos

Relativamente aos alunos, a escola acolhe 203 alunos de 2.º ciclo, 273 alunos de 3.º ciclo e 126 alunos do ensino secundário. A escola tem um total de 602 alunos inscritos.

Horário e turmas

Apresentamos, de seguida, o horário pelo qual nos regemos este ano letivo. Após o horário ser definido e entregue aos professores, fizemos a divisão das turmas que nos foram entregues e também foi definido o horário de desporto escolar.

Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
8:30/9:20		EF 10B	P		
9:25/10:15		EF 10B	P		EF 10B
10:35/11:25		Ref.DT	-	EF 5A	Ref.DT
11:30/12:20		AIDE	-	EF 5A	EF 5B
12:30/13:20		EF 5B	P	DT	EF 5B
13:30/14:20					
14:25/15:30	EF 9A	P	DT	P	EF 9A
15:25/16:15	EF 9A	P	EF 5A	P	EF 10A
16:35/17:25	EF 10A	P			EF10A
17:30/18:20	DE <i>Basket</i>				DE <i>Basket</i>

Figura 1: Horário letivo 2017/2018 Professora Elsa Cabo

Nesse momento definimos a divisão de turmas para cada um dos estagiários do núcleo, para cada um iniciar o seu trabalho autónomo e colaborativo de preparação do ano letivo, de acordo com o ano e turma definida. O EE ficou responsável pela turma do 9.º A e pela turma do 5.º B, sendo que esta última era partilhada pelos 3 estagiários do núcleo.

A turma do 9.º A foi entregue inteiramente ao EE, enquanto a turma do 5.º B foi entregue apenas durante o 1.º período.

O percurso escolar desta turma foi iniciado em conjunto desde o 7.º ano, o que justifica o bom relacionamento e união entre todos. A turma tem referências muito positivas, obtendo bons resultados a todas as disciplinas, destacando-se a boa relação que os alunos demonstram uns com os outros.

No quadro de mérito da escola relativo ao 3.º ciclo, estão referenciados 7 alunos da turma do 9.º A e dos 29 alunos apenas 1 tem uma retenção, no 1.º ano de escolaridade. Na turma não existem alunos com necessidades educativas especiais.

De forma a conhecermos melhor a turma, distribuímos fichas de caracterização individual e analisamos estatisticamente, tendo em conta os itens e temas que achamos necessários para obter resultados concretos e relevantes da turma. Os professores precisam de estar comprometidos com a escola, com a sociedade, e com o aluno, para uma educação de qualidade, sendo capaz de ver cada aluno como um indivíduo ativo no processo de ensino e de aprendizagem (Barbosa & Canalli, 2011). Segundo os autores referenciados anteriormente, para que haja este compromisso é necessário um conhecimento intrínseco da turma.

Geralmente, pais com habilitações literárias altas ambicionam e educam os seus filhos de forma a desenvolverem também eles um bom percurso escolar. De acordo com a nossa análise 45% dos pais têm o 12.º ano ou habilitações superiores e apenas 21% tem habilitações inferiores ao 9.º ano.

O meio familiar é muito importante para o crescimento e sucesso dos alunos. Uma família unida, equilibrada e organizada são fatores chave para os alunos terem um bom percurso escolar e para os professores lecionarem aulas a crianças felizes e com vontade de aprender. Nada disto, se consegue sem o complemento da educação em familiar. Nesta turma, observamos que 25 alunos de 29 vivem com os pais (pai e mãe), representando uma grande maioria. Os resultados deste item podem justificar o sucesso escolar da turma e o bom comportamento da mesma.

A análise dos problemas de saúde e hábitos alimentares representam parâmetros fundamentais para a perceção dos constrangimentos e cuidados que estes alunos deverão ter nos seus hábitos diários. Assim, é positivo perceber que 86% da turma não apresenta nenhum problema de saúde aparente. Os restantes 14% apresentam problemas não considerados graves, como a nível da visão, rinite alérgica e problemas urinários, sendo assim fáceis de controlar no âmbito da Educação Física, não obrigando a planos de ensino e aprendizagem específicos.

Relativamente ao desporto federado, verifica-se que 48% da turma pratica desporto federado, ou seja, quase metade da turma pratica desporto regular e, desta percentagem de atletas federados, 86% têm treinos 3 ou mais vezes por semana. Aferimos

assim que os alunos desta turma praticam desporto regularmente e o desporto ocupa a maior parte dos seus passatempos.

Ainda sobre a turma do 9.º A e relativamente às notas dos alunos a Educação Física no ano anterior, a turma tem uma média de 4,48. Sendo que 13 alunos obtiveram nota máxima, 11 alunos obtiveram 4 valores e um aluno obteve 3 valores. Esta média é bastante positiva e esta informação foi importante para percebermos o nível dos alunos.

A metodologia usada na turma do 9.º A foi igual na turma do 5.º B, turma partilhada pelos 3 EE do núcleo.

Assim sendo, a turma do 5.º B é constituída por 29 alunos, sendo que um aluno mudou de turma já no 2.º período. A maioria dos alunos nasceu em 2007, concluindo o seu percurso escolar conforme o esperado, contudo, existem dois alunos com uma retenção, nascidos em 2006.

Relativamente às habilitações literárias dos pais é possível perceber que, num total de 56 pais, 38% têm habilitações superiores ou o 12.º ano de escolaridade e 42% têm habilitações igual ou inferior ao 9.º ano de escolaridade. Comparativamente à turma do 9.º A, verificamos que as percentagens são diferentes e, apesar de os pais destes alunos serem tendencialmente mais jovens que os primeiros, apresentam uma menor percentagem na temática habilitações literárias. Pode não ser muito significativo, mas não deixa de ser uma evidência, olhando ao fator comportamento/sucesso escolar das duas turmas.

Como referimos anteriormente, o seio familiar tem uma enorme importância no desenvolvimento educacional das crianças. Nesta turma, verificamos que apenas 15 alunos vivem com os pais (pai e mãe), representando apenas 51% da turma. Os restantes vivem apenas com a mãe, com um dos pais e outro, ou ainda em guarda partilhada. Temos, assim, presente ambientes familiares com estruturas diferentes e que se podem refletir no mau comportamento ou fragilidades dos alunos. De acordo com Oliveira, Braga e Prado (2017), os laços sociais, afetivos e culturais que a criança constrói no seio familiar irão fortalecê-la como pessoa, ajudá-la a resolver conflitos, a conviver e a adaptar-se em diferentes ambientes e situações no decorrer da sua vida.

De acordo com os problemas de saúde, importantíssimos para nós, professores de EF, foi bom perceber que 79% da turma não apresenta nenhum problema de saúde aparente e os restantes 18% apresentam problemas do foro imunológico (alergias),

sinusite, asma e hiperatividade. De forma global, todos estes problemas são controláveis no âmbito da Educação Física.

É importante referir que em nenhuma das turmas existiram alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), o que de certo modo não obrigou a um planeamento específico, alterado e ajustado a um determinado aluno. Isso, impossibilitou-nos de vivenciar a experiência de educar alunos com características especiais numa turma.

Em relação ao tema “Passatempos favoritos” grande percentagem da turma identifica o jogar ou brincar como o principal “*Hobbie*”. No entanto, a maioria dos alunos dos alunos também evidencia o jogar computador ou o ver televisão. Estes últimos, levam-nos a pensar que terão uma possível aquisição de estilos de vida mais sedentários. Desta forma, torna-se necessário para os professores de Educação Física e a comunidade escolar, motivar os alunos para a prática de desporto e de atividades ao ar livre de forma a combater o sedentarismo infantil atual.

Relativamente ao histórico associado à disciplina de EF, não foi possível tirar conclusões evidentes nesta turma, uma vez que é a primeira vez que estão a ter contacto com a disciplina.

Em suma, percebemos que a caracterização da turma e o horário definido ao professor podem ter influência no que respeita à elaboração dos documentos orientadores do planeamento, assim como a sua colocação em prática, nomeadamente as diferentes posturas que poderemos assumir perante cada turma.

III. PRÁTICA PROFISSIONAL: DO PLANO DA ANÁLISE AO DA INTERVENÇÃO

1. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem

Neste parâmetro procuramos apresentar o conjunto de estratégias definidas, para uma intervenção perfeita, tendo em vista o conhecimento científico existente e os objetivos que assumimos para uma conduta responsável, cuidada e eficaz no processo de formação dos alunos.

Esta dimensão está dividida em quatro áreas. As áreas analisadas são o planeamento, a realização, a avaliação e a construção/reconstrução do conhecimento. A relação destes pontos faz com que todos tenham de estar em sintonia e dependam uns dos outros, para que seja possível alcançar o sucesso.

Toda esta organização tem de ser planeada, sendo, porém, indispensável o esforço e dedicação do professor para que as suas intervenções tenham impacto nos alunos e melhorem os seus níveis de conhecimento e capacidades motoras.

Segundo Melo (2009), o ensino e aprendizagem são um processo onde o professor planeia, leciona e controla todo o processo de ensino tendo como objetivo de conduzir a atividade motora dos alunos, mostrando assim que a aprendizagem escolar é dirigida intencionalmente e planeada.

Globalmente, a prática torna-se pertinente com a existência de uma articulação entre os vários pontos mencionados anteriormente e analisados no decorrer deste capítulo.

1.1. Planeamento

Planear é uma ação indispensável na vida pessoal e profissional, quer na área da educação quer noutra área distinta. Todos os professores que planeiam a sua aula tornam-na mais dinâmica, atraente e os objetivos traçados têm mais probabilidade de serem alcançados.

De acordo com Gomes e Graça (2001), a planificação é um processo complexo que deve considerar as indicações gerais e centrais do sistema educativo, dando relevância às características locais onde o mesmo ocorre.

Relativamente ao planeamento, existiu um processo de trabalho organizado e orientado pelo EE onde todo o processo de ensino foi planeado com o apoio dos seguintes

documentos: planos de aula; unidades didáticas utilizando o modelo de *Vickers* (1990); grelhas de avaliação diagnóstica, sumativa, formativa, assiduidade e pontualidade e saber estar. Nestes primeiros documentos, dispúnhamo-nos na obrigatoriedade de organizar o tempo, número de aulas e tarefas a realizar durante o período/ano letivo assim como ser capaz chegar à parte da realização e avaliação com as ferramentas necessárias para alcançar os objetivos propostos.

A elaboração de todos estes documentos requisitou o auxílio de exemplos já existentes, nomeadamente o programa de Educação Física, o projeto curricular de Educação Física, o planeamento anual e periodal para o 9.º ano e 5.º ano, o Regulamento Interno e o Projeto Educativo da escola. O Plano Anual de Atividades torna-se importante, na medida em que tivemos de verificar as atividades relacionadas com o grupo de Educação Física e se teríamos quaisquer outras atividades sobrepostas na nossa aula que abrangesse as nossas turmas. Toda a comunidade escolar tem de fazer as suas planificações de acordo com o PAA, pois nele estão todas as datas das atividades realizadas durante o ano. O documento é aprovado numa fase inicial e todas as atividades terão de ser apresentadas nessa fase, por exemplo, a data do nosso seminário foi definida na segunda semana do ano letivo.

De seguida, iremos apresentar o trabalho desenvolvido nos 3 documentos mais importantes, na nossa opinião, para o planeamento:

Planeamento anual

O planeamento anual foi um instrumento crucial para a nossa organização durante o ano letivo, uma vez que era a base de sustentação na realização das UD. O planeamento na EBSLM já estava definido, desde o ano letivo anterior ao que ingressamos em estágio, daí não participarmos na sua elaboração. De acordo com Bento (2003), a elaboração do plano anual constitui o primeiro passo na preparação do processo de ensino.

Em cada período, em média foram realizadas 3 modalidades diferentes. Apesar de estar definido, existe possibilidade de alterar/ajustar o planeamento anual se existirem fundamentos para tal sucedido. Por exemplo, no 9.º A substituímos a modalidade de *badminton* do 2.º período, para o 3.º período, pela modalidade de ginástica de aparelhos. Decidimos realizar essa troca, porque verificamos que no planeamento anual, existiam menos tempos letivos nesse período, destinados a lecionar a modalidade de ginástica.

Perante esse fator, achamos por bem realizar essa troca de forma a não existir qualquer adversidade no 3.º período relacionado com o espaço.

Segundo Bento (2003), o plano anual, procura situar e realizar o programa de ensino no local e nas pessoas envolvidas. Considera-se que o planeamento anual é um auxílio que coloca os professores em sintonia, tendo em consideração os conteúdos abordados em cada ano letivo numa determinada escola ou instituição.

Unidade didática

As unidades didáticas, são partes essenciais do programa de uma disciplina. Constituem unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico e apresentam aos professores e alunos etapas claras e bem definidas de ensino e aprendizagem (Bento, 2003).

Conseguimos realizar e adaptar uma UD a partir dos Programas Nacionais de Educação Física, tendo em conta a escola na qual nos encontramos.

Nas UD usadas pelo EE existem 5 fases que nos serviram de guia em cada conteúdo, gesto técnico ou tático. Estes são: a avaliação diagnóstica que permite verificar o nível do aluno/turma; a introdução que se refere às apresentações de conteúdos novos, sendo assim uma primeira abordagem; a exercitação que são todas as aulas seguintes da introdução onde o aluno deve ter oportunidades de melhorar constantemente os conteúdos escolhidos pelo EE; a consolidação, segue-se à exercitação e aqui espera-se que os alunos dominem os conteúdos e estejam preparados para esclarecer dúvidas; por último, finaliza-se a UD com a avaliação sumativa, pois pretende-se verificar a evolução dos alunos e analisar se os conteúdos foram aprendidos e se as metas estabelecidas foram cumpridas.

Este documento pode ser alterado e ajustado ao longo do período, ou ao longo da lecionação da modalidade, caso esta se encontre desajustada à turma. No caso do EE, tivemos necessidade de ajustar a grelha de *Vickers*, pois existiram conteúdos de algumas modalidades que tiveram de ser retirados e alguns ajustados à turma, de acordo com a progressão geral dos alunos.

As UD foram elaboradas pelo EE após a avaliação diagnóstica, verificando-se qual o estado atual da turma à modalidade escolhida, sendo este, o nosso ponto de partida para a sua realização. As observações das avaliações diagnósticas devem focar-se nos

aspectos relacionados com o ensino posterior e na elaboração da UD e não utilizar como principal foco de observação as aprendizagens consolidadas.

A realização da UD serve como uma planificação e seleção de conteúdos a abordar numa determinada modalidade, assume-se como um documento de suporte para que o professor consiga encontrar toda a informação relativa ao processo de ensino e aprendizagem. Este documento ajuda também o docente a estar mais organizado e preparado.

Plano de aula

O plano de aula é um documento pessoal, onde colocamos nele todo o planeamento de determinada aula e que nos ajude na realização da mesma. Ou seja, nele teremos todas as informações necessárias para que algum colega da área, caso necessário, nos possa substituir e alcançar os mesmos objetivos. Bento (2003), inúmeras vezes, toma algumas das decisões a ter em conta num plano, como por exemplo: o objetivo geral e objetivos intermédios, a escolha e ordenamento da matéria, os pontos principais da aula, as principais tarefas didáticas, a direção principal das ideias e, por fim, os procedimentos metodológicos.

Como o plano é desenvolvido pelo EE, pressupõe-se que ele domine todos os conteúdos a ser abordados e todo o processo da aula.

Durante todo o ano letivo realizamos planos para todas as aulas. Foi algo imprescindível pela sua importância e pela segurança que deu aos EE. Segundo os autores Cardoso *et al* (2011), para qualquer projeto que realizamos, é preciso planeá-lo bem, tendo em conta os prós e os contras para a sua realização.

Em concordância com Bento (2003), antes de entrar nas aulas o docente tem já um projeto da forma como elas devem decorrer, uma imagem estruturada, naturalmente, por decisões fundamentais. No entanto, consideramos que o plano deve servir como um apoio ao EE, mas pode e deve ser ajustado e adaptado, se existir essa necessidade no momento da realização. Concordamos que o improvisado deve existir e fazer parte da lecionação de aula.

As reflexões efetuadas no final de cada aula foram fundamentais para a evolução do EE relativamente à elaboração e melhoria dos planos de aula. As críticas revelaram-se construtivas, possibilitando uma constante aprendizagem.

Abordagem ao tema segundo uma análise *SWOT*

Tendo em conta uma análise *Swot*, consideramos que os nossos pontos fortes são a investigação e o planeamento antecipado das aulas. O facto de realizar todos os documentos adjacentes ao planeamento, nomeadamente, a planificação anual, grelha de *Vickers* para todas as modalidades e o plano de aula, foi importante para obter maior controlo sobre o número de aulas e, assim, atingir mais facilmente os objetivos traçados.

Numa fase inicial, desenvolvíamos planos de aula com muitos exercícios o que de certo modo, dificultava as transições de exercícios. Este aspeto, até levava ao incumprimento do plano de aula, contudo, foi combatido logo nas primeiras semanas da PES.

As oportunidades que identificamos no planeamento prendem-se com o facto de a escola não ter um *roulement* de instalações. Isto permite-nos de uma forma autónoma organizar e lecionar as aulas no sentido de aprimorar o processo de ensino e de aprendizagem dos alunos, sem ter o espaço de aula a condicionar este ponto. Com isto, conseguimos gerir da melhor forma todo o processo.

A cooperação com os outros professores, nomeadamente, com a professora Elsa Cabo e os colegas de estágio, permite uma maior partilha de conhecimentos e reflexões constantes relacionadas com o planeamento das nossas aulas e a forma como se pode aprimorar.

Como oportunidades consideramos, ainda, as instalações desportivas da escola. É um fator muito positivo, pois são instalações com ótimas condições e materiais em bom estado, o que permite planear aulas mais diversificadas. Durante o estágio o meu planeamento não ficou condicionado devido aos materiais da escola.

Por fim, no que concerne às ameaças, consideramos que as condições climáticas podem influenciar o nosso planeamento. Existem unidades didáticas em que o espaço exterior é mais indicado para o processo de ensino dos alunos e, como não podemos controlar o fator tempo, a única forma de evitar isso é ter sempre um “plano B”, para poder substituir esses planos de aula no espaço exterior.

O horário das nossas turmas também pode ser uma ameaça. A planificação anual é realizada de acordo com o número de aulas previsto para todas as turmas. Todavia, assim como existem turmas em que conseguimos rentabilizar todas as aulas ao máximo, existem outras, do mesmo ano escolar, em que devido a feriados, greves e algumas

atividades do plano anual, não se conseguem lecionar todas as aulas previstas. Isso obriga-nos a reduzir o número de aulas das unidades didáticas, ficando assim mais difícil cumprir com o Currículo Nacional de Educação Física.

Globalmente, este ponto tem muita importância no processo de ensino dos alunos e no desenvolvimento de competências do EE, sendo a elaboração de todos os documentos inerentes ao planeamento muito complexa e pormenorizada.

1.2. Realização

Relativamente à realização, iremos abordar as características gerais ligadas ao desempenho e atividade do EE na prática docente. O desempenho é condicionado por diversos fatores, ou seja, todos eles poderão ter impacto na realização da prática do professor, nomeadamente as regras gerais do sistema educativo, as condições dos locais de prática e materiais e as relações com a comunidade escolar e educativa. Todas estas condicionantes podem ter impacto no processo de ensino do professor e obrigam a uma adaptação excelente de forma existir uma interligação das várias áreas no processo de ensino e aprendizagem.

O controlo da disciplina, ajustamentos de planos de aula, gestão de recursos espaciais e materiais, a instrução do EE e ambiente criado na aula são fatores importantes a ter em conta neste parâmetro para que seja possível colocar em prática o nosso planeamento e ter sucesso no processo de ensino/aprendizagem dos alunos. De acordo com Siedentop (2008), a instrução, a gestão, o clima e a disciplina soa as quatro dimensões fundamentais, para que haja uma boa intervenção pedagógica.

Para um bom controlo da turma é preciso analisar muito bem as informações recolhidas no início do ano e adaptar as nossas aulas aos alunos/turma em questão, uma vez que cada aluno e cada turma tem a sua particularidade e não podemos lecionar as aulas todas com a mesma metodologia, atitude e progressão pedagógica.

Segundo, Albuquerque *et al* (2014), um bom professor de EF pode diferenciar-se tendo em conta a especificidade da sua atividade profissional. Valorizando a criação de objetivos gerais e específicos como forma de concretizar a sua competência, refletindo ainda que o seu exemplo pode ser um forte condicionador na forma como é considerado pelos seus alunos.

Em todas as aulas tínhamos como objetivo fazer a diferença e marcando positivamente as experiências dos alunos. Tentei e considero que consegui criar um bom ambiente na turma e uma boa relação professor/alunos. Acho que isso é muito importante para existir um bom ambiente nas aulas e uma base sustentada de confiança entre todos. De acordo com Tojal *et al* (2004), o profissional tem o dever ético de ser honesto na íntegra, não existindo, porém, meia confiança, como não existe meia honestidade; ou confiamos ou desconfiamos; o ser humano ou é honesto ou desonesto. Foram estes valores que tentei transmitir aos alunos, pois é importante perceber que para conseguirmos orientar e liderar o processo de aprendizagem, determinado no planeamento, é preciso ter controlo da turma e criar um bom ambiente geral.

Estarmos motivados para lecionar aulas e receber carinho e apreço dos alunos é um passo importante na conquista de resultados mútuos.

Consideramos que os nossos pontos positivos foram a capacidade de improvisar, o controlo que temos sobre as nossas turmas e a motivação que potenciamos nos alunos. De facto, por muito que se tenha planeado, existem sempre problemas que surgem nas nossas aulas de que não estávamos à espera. Sentimos, por isso, que conseguimos uma adaptação boa a todas essas adversidades de modo a não prejudicar a aula e o aproveitamento dos alunos.

Acreditamos que a nossa postura, os *feedbacks* transmitidos e a nossa capacidade de liderança, permitiu ter um total controlo sobre as turmas. É importante ter os alunos do nosso lado para conseguir lecionar as aulas como temos planeado. Tentamos criar uma boa relação com os alunos sem que eles se esqueçam da “linha que nos separa”. Temos o controlo da turma baseado na disciplina e numa relação de respeito mútuo, para que seja possível a instrução, gestão e bom clima durante a fase de realização.

Os exercícios que escolhemos para as aulas têm por base a motivação dos alunos. Tentamos seleccionar exercícios que os alunos gostem e em que aprendam o pretendido. Apesar de, por vezes, inculcar exercícios analíticos nos nossos planos, por ser necessário em alguns momentos (principalmente no 5.º ano), sentiu-se que os alunos saíram sempre motivados e contentes das nossas aulas. Motivar os alunos, é algo que nos beneficia nas aulas e que melhora consideravelmente o desempenho dos alunos.

Um ponto a evidenciar no estudante estagiário, que foi controlável durante o ano com a adaptação dos alunos, foi volume da voz ao transmitir *feedbacks*. O mesmo não

tem por hábito falar alto e, na nossa opinião, os alunos é que se devem adaptar ao tom de voz dos professores. Contudo, os alunos distraídos, por vezes, precisam de ouvir um “berro”, mas, nesses casos, tentamos agir e controlar a turma de outras formas, como por exemplo, o silêncio. Por vezes, também existem situações, quando explicamos os exercícios e os alunos se deslocam para as posições, em que há sempre algum aluno que não entende o que era para fazer, e aí temos de usar a voz para explicar novamente. Esse aspeto leva-nos a refletir sobre o nosso desempenho ao tentar perceber se o aluno não ouviu o transmitido porque é distraído, ou se nós não fomos capazes de captar a atenção dele.

Os *feedbacks* são fundamentais no processo de ensino das crianças e foi algo que mereceu grande importância durante as aulas. No final de cada aula, o EE tentava fazer uma recolha de opiniões acerca do que tinham aprendido, de forma a apreciar a sua prestação como docente e a perceber se os conteúdos foram contemplados. Tentamos, também, focar e preparar os *feedbacks* e palavras-chave que possam auxiliar a nossa aula de forma produtiva. Por vezes, usar as palavras certas em determinados momentos, é essencial para a progressão dos alunos. Sarmiento (2004) afirma que os *feedbacks* assumem, em todo o processo de ensino, uma elevada importância.

Na nossa opinião, os alunos adaptaram-se muito bem ao EE e perceberam que quando existe transmissão de conteúdos, tem de haver silêncio total e concentração. Sempre que isto não acontecia, o EE fazia questão de educar os alunos nesse sentido, para melhorar as próximas transmissões.

Entendemos que as instalações desportivas da escola básica Levante da Maia são excelentes. As instalações permitem lecionar aulas no interior a 4 turmas ao mesmo tempo, o que raramente acontece, pois geralmente estão dentro do pavilhão/ginásio cerca de 2 ou 3 turmas por hora. Não existirem problemas relacionados com o espaço de aula é, de facto, uma oportunidade para qualquer professor de Educação Física.

Reputamos que o tempo das aulas de 50 minutos é muito pouco para uma aula de Educação Física, pois o tempo útil de aula são 35 minutos e é uma condicionante na organização e gestão das aulas.

Um aspeto negativo está relacionado com o comportamento dos alunos do 5.º ano de escolaridade que é bastante complicado e dificulta as nossas aulas. A mentalidade dos alunos em relação Educação Física, devido às atividades extracurriculares que tinham no

1.º ciclo, é uma temática difícil de combater no 1.º período. Ora, este pensamento, dificulta o nosso trabalho no sentido de que os alunos não levam a sério a nossa disciplina. Existiram aulas em que passamos grande parte do tempo a educar os meninos, o que impossibilita o cumprimento dos objetivos da aula. Entendemos este comportamento dos alunos como uma ameaça, por ser difícil de incutir-lhes a importância da disciplina.

A formação de grupos de trabalho torna-se uma ameaça na organização e gestão das aulas (no 5.º ano), na medida em que os alunos ficam constantemente desagradados com as escolhas do professor, independentemente de serem grupos homogêneos ou heterogêneos. Temos de ser claros, precisos e autoritários na definição de grupos, não dando qualquer margem de indecisão e ponderação aos alunos. Na turma do 9.ºA, o aspeto referenciado anteriormente não teve grande importância, uma vez que os alunos já eram mais crescidos.

Verificamos ao longo das aulas que as turmas, principalmente os mais velhos, os alunos de 9.º ano preferiam jogos desportivos coletivos em prol de jogos e modalidades individuais. Uma vez que tínhamos de lecionar modalidades coletivas e individuais, a estratégia que usamos era utilizar o menor número possível de exercícios analíticos e básicos e proporcionar momentos de aprendizagem com jogos e competições para todas as modalidades. Podemos lecionar modalidades individuais de forma divertida e competitiva, pois a competição deixa os alunos mais motivados para a prática. Segundo Marzinek (2004), alguns estudos revelam que na maioria dos casos os alunos acabam por preferir os desportos coletivos, aos individuais nas aulas de EF.

Uma estratégia que usamos foi realizar um torneio de turma na modalidade de andebol. A partir da segunda aula, formamos equipas e demos início ao torneio em que a equipa vencedora ganhava um prémio a definir pelo professor. Os alunos tinham acesso à tabela classificativa em todas as aulas. Este tipo de estratégia é essencial para motivar os alunos para a prática e criar um bom espírito de equipa entre eles.

Uma falha inicial, logo nas primeiras aulas, e que verificamos foi o elevado número de exercícios selecionado para cada aula. Isso levou a um dispêndio de tempo muito grande nas transições de exercícios e explicação dos mesmos. Rapidamente, corrigimos essa lacuna e começamos a ajustar os exercícios ao tempo de aula.

Uma estratégia para combater a falha apresentada anteriormente foi a inclusão de variantes em cada exercício. Perdemos menos tempo na reorganização constante de

exercícios, pois o aluno apenas precisa de saber e perceber a nova condicionante e conseguimos cumprir com os mesmos objetivos da aula e UD.

Por fim, no que concerne à realização consideramos que conseguimos estar em sintonia com o planeamento, cumprindo assim, com o que era pretendido ao longo das unidades didáticas, existindo sempre um controlo da turma com um processo de ensino eficaz. Durante o ano de estágio não existiu qualquer problema com indisciplina ou faltas de respeito, sendo nula a existência de momentos desagradáveis. Realçamos a boa relação existente entre os alunos e professor e o ambiente calmo e sereno era mantido em cada aula. De acordo com Tojal *et al* (2004), os professores deverão ter um profundo entendimento da importância de aumentar a autoestima dos jovens e devem procurar desenvolver relações positivas e saudáveis com e entre os alunos sob o seu cuidado.

1.3. Avaliação

Durante a PES a avaliação esteve presente para diferentes fins, ou seja, as avaliações foram um instrumento realizado em vários momentos para avaliar as competências e desempenho dos alunos. O objetivo é utilizar os dados recolhidos para perceber o impacto da nossa intervenção como professores e perceber o desenvolvimento dos mesmos. Segundo Bratfische (2003), avaliar em Educação é reconhecer, diagnosticar, desenvolver e valorizar a expressão individual, a cultura própria e a manifestação de afetividade, como um meio para a aprendizagem e formação integral do aluno.

A avaliação tem como finalidade: proporcionar aos alunos informações sobre a sua progressão e estado atual de conhecimentos; examinar e verificar a eficácia das metodologias de ensino; permitir que o professor possa verificar o estado atual dos seus alunos em relação aos objetivos, para que este possa ser ajustado; colocar os alunos no grupo ideal conforme as suas competências e fornecer ao professor informações objetivas acerca do nível dos alunos para posteriormente serem atribuídas as notas (Rink, 2014).

Desde logo, assumimos a importância da avaliação numa escola, pois, percebemos que a mesma pode ter muito impacto, na medida em que estamos a avaliar crianças e adolescentes. Podem ficar sensibilizados, injustiçados ou mesmo desmotivados com a disciplina, por conclusões e análises mal efetuadas.

De acordo com Gonçalves, Albuquerque e Aranha (2010), o papel da avaliação não deve ser o de criar hierarquias, mas sim o de ajudar cada aluno a progredir no sentido de alcançar os seus objetivos. Ou seja, entendemos que o aluno deve pegar na avaliação e usá-la como um objeto de medição de forma a progredir e atingir novas e melhores etapas.

O momento de avaliação não pode ser visto como algo negativo, mas como uma oportunidade de se sentir liberto de *stress*, como de uma aula normal se tratasse, sem que se sinta pressionado a cumprir determinados objetivos selecionados pelo professor. Os alunos deviam olhar para as avaliações como forma de incentivo, de forma a perceberem o seu estado e superarem os seus objetivos.

Durante a PES tentamos ser claros e precisos no que concerne às progressões avaliativas de cada um, com o objetivo de motivar os alunos para atingirem bons níveis. Sempre que abordávamos os alunos individualmente, no final das aulas, os mesmos sentiam-se felizes por receberem *feedbacks* pessoais e era notório a motivação nas próximas aulas ou momentos de avaliação.

Existem três momentos de avaliação distintos: a avaliação diagnóstica, formativa e sumativa, de acordo com Ribeiro (1999).

A avaliação diagnóstica serve como ponto de partida na elaboração de uma UD de acordo com as características e competências da turma. Após a primeira abordagem, o docente pode perceber quais os aspetos a trabalhar e a melhorar, em determinada modalidade. De acordo com Quina (2009, p. 128), “Com a avaliação inicial não se pretende fazer uma avaliação pormenorizada do nível de desempenho dos alunos, mas apenas recolher informações gerais que permitam tomar as primeiras decisões sobre as valências e as prioridades a atribuir aos diferentes conteúdos e blocos programáticos, a organização geral da turma e o estilo de aula a criar”.

Na EBSLM a AD não é realizada nas modalidades individuais de atletismo e ginástica (aparelhos e solo) porque temos muitas informações recolhidas dos testes de aptidão física (FITEscola). Nestas modalidades até se considera útil não perder aulas na avaliação inicial, uma vez que dispomos de menos aulas no planeamento anual e as informações recolhidas, no teste referenciado acima, são suficientes para tirar ilações acerca da turma.

A avaliação formativa acompanha todo o processo de ensino, desde o início do ano até ao final e, apesar de não ter o mesmo formalismo da avaliação sumativa, sobretudo no nervosismo dos alunos e na organização da aula, é importantíssimo na medida em que o conhecimento dos alunos era posto à prova constantemente numa dinâmica de aprendizagem constante. Segundo Pais e Monteiro (1996, p.44) “A avaliação formativa assegura que os processos se vão adequando às características dos alunos, permitindo a adaptação do ensino às diferenças individuais”.

A avaliação sumativa é o culminar de todo o processo. Surge depois das duas primeiras avaliações e tem como objetivo atribuir uma nota, qualitativa ou quantitativa, ao aluno de forma a existir uma perceção conjunta sobre todo o trabalho desenvolvido ao longo do processo de ensino.

A avaliação sumativa constitui sempre um balanço final, no último segmento de ensino-aprendizagem, acrescentando novos dados aos recolhidos pela avaliação formativa do trabalho realizado (Pais & Monteiro, 1996).

A avaliação dos alunos não foi unicamente realizada de forma prática. No primeiro e segundo períodos, os alunos realizaram teste teórico, o que foi importante no nosso desenvolvimento, uma vez que passamos pela realização de um teste e correção do mesmo. No 9.º ano, os alunos teriam 70% destinados ao saber fazer (parte prática), 10% ao saber (Teste teórico) e 20% ao saber estar (comportamento, assiduidade, etc.). Já no 5.º ano, na turma partilhada, 65% eram destinados ao saber fazer, 10% ao saber e 25% ao saber estar.

Tendo em conta o nosso desempenho neste parâmetro, o facto de memorizar os alunos facilita-nos na avaliação sumativa e também na avaliação formativa (contínua). É possível saber quais os alunos que atingem as nossas metas e têm vontade e os alunos que ainda estão longe disso, daí ser importante tirar anotações relativas ao desempenho dos alunos, no decorrer do período. Os dados avaliativos dos nossos alunos facilitaram o processo de avaliação. Antes das nossas avaliações sumativas realizamos uma aula idêntica à avaliação, onde transmitimos os *feedbacks* necessários e onde consolidamos todos os conteúdos abordados na modalidade. Isto permite-nos tirar algumas ideias de como será a avaliação sumativa e recolher alguns dados relativos ao desempenho dos alunos.

Consideramos que numa fase inicial, a falta de experiência em avaliar alunos é uma barreira para os EE. Sente-se muitas dificuldades em avaliar os alunos todos numa aula de 50 minutos, pois escolhemos realizar as avaliações em 50 minutos, para não despende de muito tempo na exercitação de conteúdos. Por um lado, fazemos bem em escolher apenas uma aula de 50 minutos, para não perder demasiado tempo, por outro, avaliar 29 alunos em 50 minutos, para um aluno estagiário, é muito complicado devido à inexperiência.

A falta de experiência transforma-se numa oportunidade, na medida em que a prática permite-nos desenvolver capacidades de observação e melhorar as estratégias de avaliação sumativa. Consideramos que a prática vai ajudar-nos a aperfeiçoar os nossos métodos avaliativos. As primeiras práticas reflexivas, quer nos planos de aula coincidentes com a avaliação sumativa, quer com o nosso núcleo de estágio, após a lecionação da aula são importantes para aprender a lidar com todas estas adversidades e dificuldades sentidas.

O número de alunos das turmas, 29 alunos cada, torna-se uma grande ameaça para qualquer professor. São turmas com demasiados alunos, o que, por sua vez, cria dificuldades no decorrer das aulas e na observação das avaliações sumativas.

Globalmente, consideramos que a avaliação deve ser bem planeada e organizada, criando métodos próprios para facilitar os momentos avaliativos. Concordando com Machado (2011), a avaliação consiste em fundamentar, conhecer, clarificar, negociar e legitimar a informação recolhida. Torna-se assim, necessário criar estratégias personalizadas para conseguir avaliar os alunos com eficácia, principalmente no momento da avaliação sumativa.

Consideramos, também, que a capacidade observacional teve um desenvolvimento progressivo e notório ao longo do estágio, sentindo assim, que hoje estamos completamente preparados para avaliar alunos de qualquer turma e ano escolar.

1.4. Contruir e reconstruir o conhecimento: impactos da experiência e atuação

Aquando a chegada à escola, logo na primeira semana, iniciou-se o processo de organização do planeamento e gestão do processo de ensino e aprendizagem de forma a estarmos preparados, numa fase seguinte, para a prática. Todo esse processo, era familiar ao EE, uma vez que foram conhecimentos adquiridos ao longo de 4 anos de formação na

área. No entanto, as práticas desenvolvidas, em conjunto com os colegas de curso, não eram próximas do contexto real das nossas escolas, daí considerar que o maior processo de construção se focou nesse ponto.

No momento da primeira aula, a de apresentação, percebemos que o contexto era totalmente diferente e que teríamos de fazer alterações à nossa postura, à nossa imagem e aos *feedbacks* que usamos. O controlo da turma foi o primeiro ponto que o EE tentou trabalhar, de modo a ser possível trabalhar todos os conteúdos programáticos com sucesso. Consideramos que, sem o controlo e respeito, não se conseguem produzir boas aulas. O nosso processo de construção e reconstrução de conhecimentos iniciou nesse ponto. Para conseguirmos manter o controlo da turma temos de ter atitudes firmes, coerentes e próximas das crianças, tendo sempre em conta que estamos a lidar com crianças em constante desenvolvimento. Em sintonia com Gomes e Graça (2001), concordamos que a adolescência se caracteriza por um processo de transformação, com mudanças rápidas ao nível físico, psicológico, cognitivo e sociocultural, confrontando-se a criança com a definição da própria identidade e autonomia.

Tendo em conta as modalidades abordadas durante a PES, aquela em que sentimos mais obstáculos foi a de ginástica de solo, pois os alunos sentiam muitas dificuldades e a par disso sentiam-se desmotivados para a prática. Isso levou-nos a fazer ajustes e a iniciar as aulas com exercícios lúdicos relacionados com a modalidade, mas que envolviam competição entre equipas. Esta estratégia originou uma reconstrução no nosso planeamento, no entanto considera-se que a eficácia foi notória no final da UD.

O trabalho desenvolvido nas turmas às quais o EE se dedicou entende-se que foi bom, pois existiu sempre um bom ambiente nas aulas e, principalmente, foi notório um desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial nas crianças.

2. Participação na escola e relação com a comunidade

O EE compreendeu desde logo que a participação na escola, nomeadamente a participação em eventos, atividades, reuniões e debates eram muito importantes para a sua evolução e enriquecimento. Também a boa relação com a comunidade escolar e principalmente, a existência dela, assume-se como tendo um carácter fundamental para o sucesso do EE, uma vez que, precisamos dos nossos colegas professores e dos alunos para evoluir e progredir a nível de conhecimentos e prática docente.

Percebemos, logo na primeira atividade, que as atividades de Educação Física foram importantes para a integração do EE. De acordo com Saraiva (2002), a escola deve desenvolver uma cultura de participação em que seja possível partilhar a educação com os pais, com o pessoal não docente, com a comunidade envolvente, para que todos possam contribuir para o desenvolvimento pleno e harmonioso das crianças. Desse modo, participamos em todas as atividades a que fomos solicitados.

Esta dimensão foca-se na análise de comportamentos e ações relativamente à participação e realização de atividades com toda a comunidade escolar. Assim, subdivide-se em três pontos principais, respetivamente, atividades realizadas, socialização profissional e institucional e também nos impactos da experiência e atuação ao longo das atividades.

2.1. Atividades realizadas

No que concerne às atividades realizadas na escola, o núcleo de estágio participou em todas as atividades propostas pelo grupo e coordenador de Educação Física.

Para Alarcão e Roldão (2008), a importância da PES destaca-se na medida em que o EE assume novos papéis e realiza novas atividades profissionais em diferentes contextos e situações.

De realçar que o coordenador da disciplina, Prof. Jorge Inácio, durante o ano não marcou muitas reuniões e os documentos inerentes às atividades da escola estavam já pré-realizados em anos anteriores, uma vez que as atividades eram as mesmas.

Nós, EE, éramos informados de tudo, inclusive das tarefas destinadas a nós após a divisão e, a partir desse momento, começávamos a trabalhar em equipa.

De seguida, apresentamos todas as atividades realizadas durante a PES.

Torneio de Voleibol Feminino e Ténis de Mesa

No início do período, realizamos a nossa primeira atividade: o torneio de voleibol, para as alunas do escalão de iniciadas e juniores, e o torneio de ténis de mesa, destinado a todos os alunos da comunidade escolar. O torneio servia de captações para estas duas modalidades de DE da escola. Existem mais modalidades de desporto escolar, no entanto, apenas estas duas fizeram torneio de captação.

Nesta atividade organizamos todo o evento no dia da sua realização, desde a preparação de materiais, tabelas de resultados, até à distribuição de equipas. Na realização do torneio, estávamos distribuídos pelos diversos campos a controlar os jogos.

Como primeira atividade, considero que foi importante para conhecer os professores, colegas do grupo de Educação Física e perceber as metodologias e rotinas usadas pelo grupo.

Corta-mato da EBSLM

O corta-mato da EBSLM realizou-se no dia 13 de dezembro e foi uma atividade trabalhosa, mas enriquecedora, onde tivemos a responsabilidade de angariação de patrocínios, nomeadamente suporte alimentar, prémios, auxílio dos bombeiros e material inerente à organização e logística da prova. Todo este trabalho começou a ser desenvolvido com muito tempo de antecedência, uma vez que envolvia muitas burocracias nos pedidos de colaboração/apoio e as respostas, por vezes eram tardias, ou nulas, levando a uma procura constante de resoluções de forma a cumprir com a nossa tarefa. No dia do corta-mato tínhamos tudo o que era necessário para a realização da atividade, ficando assim com um sentimento de dever cumprido.

Ficamos, ainda, responsáveis pela elaboração do percurso, entrega e recolha de dorsais, elaboração da tabela classificativa e todo o trabalho e pela comunicação e multimédia, nomeadamente fotos, vídeos e notícias para o blog e jornal da escola.

Esta atividade teve uma segunda fase, no segundo período onde tivemos oportunidade de participar no corta-mato distrital.

Corta-mato Regional – Parque da cidade do Porto

Como referimos acima, esta atividade surgiu após o corta-mato da escola e nesta atividade participaram 60 alunos da nossa escola, sendo selecionados 6 alunos de cada escalão, do género masculino e feminino.

Esta atividade realizou-se no dia 26 de janeiro e a escola teve uma participação global de nível intermédio. Nenhum aluno da escola foi selecionado para o Corta-mato Nacional.

Tivemos a função de orientar os alunos para as provas, levando os alunos mais novos para o local da partida e esperando-os à chegada. No decorrer da atividade, éramos

responsáveis pelos alunos e ficamos sempre atentos a tudo, para não existir qualquer tipo de incidente. Destaca-se que é uma atividade que envolve muitos alunos, professores e *staff*, tornando-se num ambiente confuso.

Gostamos muito desta atividade, também, pelo facto de encontrar a maioria dos nossos colegas de curso das outras escolas e conversarmos sobre as nossas experiências.

Torneio de *Street Basket* e Voleibol 2.º ciclo

No 2.º período, organizamos e orientamos o torneio de *Street Basket* para o 3.º ciclo e secundário e o torneio de voleibol para o 2.º ciclo. Participamos nos dois torneios, que inclusive, foram realizados no mesmo dia (manhã e tarde), com funções importantes. Definimos os calendários dos jogos no momento, pois existem sempre equipas que faltam, registamos os resultados e confirmamos as arbitragens aos jogos, estas, feitas por outros alunos.

O grupo de Educação Física na escola é muito colaborativo nas atividades propostas e é notório o trabalho em equipa de há vários anos.

Mega *Sprint* 2.º ciclo e Torneio de Andebol 3.º ciclo

O Mega *Sprint* para o 2.º ciclo e o torneio de andebol para 3.º ciclo e secundário realizaram-se no mesmo dia. O primeiro, pela parte da manhã e o segundo, pela parte da tarde.

O EE participou no primeiro e teve funções específicas na organização dos alunos, tendo em conta o seu escalão etário e a explicação da prova.

Ficamos, também, responsáveis pela cronometragem das provas e auxílio na colocação dos resultados na grelha Excel.

Jogo de Futsal Professores x Alunos 9.ºA

O jogo de futsal Professores x Alunos, organizado e pensado apenas pelo núcleo de estagiários, teve grande destaque nas atividades realizadas e foi bastante positivo e apreciado, tanto por professores, como pelos alunos. O jogo realizou-se na última semana de aulas do 1.º Período e teve como participantes, professores da comunidade escolar e a turma do 9.ºA. Os fatores positivos desta atividade são a proximidade e a relação de alunos com os professores que potenciam um melhor relacionamento, uma maior

motivação por parte dos alunos e também a promoção da prática desportiva para toda a comunidade escolar.

Lecionação a diferentes turmas

Uma proposta excelente e importante na nossa formação colocada pela nossa orientadora, foi lecionar aulas a diferentes turmas, nomeadamente às turmas dos nossos colegas de estágio. Passar por esta experiência foi importante para percebermos que todas as turmas têm particularidades diferentes e todas elas exigem um tipo de adaptação diferente.

Nesta aula, consegui ter a minha primeira e única experiência na lecionação de uma aula à turma do 9.º B, que tinha um aluno com NEE. Isso foi um ponto a favor no meu enriquecimento, que não era possível sem esta experiência. Durante o ano lecionamos aulas às nossas turmas (9.º A e 5.º B), e também ao 9.º B, 10.º A, 10.º B e 5.º A.

Torneio Interturmas

O torneio interturmas começou logo no início do 3.º período e foi elaborado um calendário, que estava afixado na escola, para toda a comunidade escolar ter acesso à data e hora dos encontros.

Cada turma podia ter 2 equipas inscritas, masculina e femininas, sendo que só poderiam participar com a autorização dos diretores de turma.

Os jogos decorreram durante o período, mas só foram realizados com a presença de um professor. A divisão foi feita antecipadamente e todos os professores conheciam o jogo pelo qual eram responsáveis.

Geralmente são os alunos que arbitram os jogos, alunos estes, selecionados pelos professores e sem ligações às turmas em jogo. O professor tem a tarefa de cronometrar o jogo, responsabilizar-se pelo jogo, dando todas as indicações e regras necessárias para o jogo. No final dos jogos, verificávamos os resultados, e, após a assinatura dos árbitros, anexávamos a ficha de jogo no dossiê e colocávamos os resultados no quadro de classificações exposto no pavilhão.

Desporto Escolar – Basquetebol

Desde o início do ano letivo, acompanhamos uma equipa de desporto escolar, cuja modalidade era Basquetebol e o escalão etário Sub-15. Desde logo, começamos as captações para os treinos, para ter o maior número de inscrições possíveis. O objetivo era conseguir fazer uma seleção de atletas. No entanto, a nossa escola tem um número reduzido de alunos, logo não existiu essa possibilidade. Sabíamos que teríamos de levar 10 atletas, no máximo, aos jogos para o mesmo ser válido, e teríamos de trabalhar arduamente nos treinos e fora deles, para conseguir captar a atenção das crianças e deixá-las motivadas.

No geral, conseguimos levar aos jogos cerca de 15 atletas por jogo, o que foi bom para nós professores e para a escola. De realçar, que cerca de 6/7 atletas eram da Escola Secundária da Maia, devido ao protocolo que criamos entre as duas escolas.

Todas as semanas existiam dois treinos, que implicavam uma planificação e lecionação dos mesmos, de acordo com a progressão dos atletas. Os treinos eram organizados e realizados pelos EE.

Durante o ano letivo realizamos 7 jogos, 2 jogos foram realizados em casa, na EBSLM e 5 jogos foram realizados fora, nomeadamente nos concelhos de Gondomar, Porto, Póvoa do Varzim e Oliveira de Azeméis.

O programa de Desporto Escolar tem como objetivo aprofundar as condições para a prática desportiva regular, como estratégia de promoção do sucesso educativo e de estilos de vida saudáveis. Com isso, pretende-se criar condições para o alargamento gradual da oferta de atividade físicas e desportivas, de carácter formal e não formal, a todos os elementos abrangidos pela escolaridade obrigatória (DGE, 2017)

Sentimos que tivemos um enriquecimento contínuo, não só na modalidade em si, mas também no desenvolvimento de competências diferentes das aulas.

Direção de turma

Durante o ano letivo acompanhamos a direção de turma do 10.º B, cuja diretora de turma foi a Professora Elsa Cabo. Nesta área obtivemos conhecimentos acerca das tarefas inerentes ao cargo, da realidade da turma, das dificuldades detetadas, das ocorrências disciplinares, justificação de faltas, etc. Com este conhecimento aprendemos a trabalhar com o programa dos Diretores de turma, como justificar faltas, o que fazer

quando é marcada uma falta disciplinar e também, que assuntos se devem tratar nas diferentes reuniões com os Encarregados de Educação. Participamos, também, nas reuniões de diretores de turma onde eram debatidos vários temas importantes, como as inscrições para o próximo ano letivo, os seus prazos e os procedimentos necessários a realizar nesta fase.

Foi importante acompanhar todo este processo, porque, no futuro, iremos certamente precisar deste conjunto de conhecimentos.

Seminário

No início do ano letivo percebemos que tínhamos de realizar um seminário que fosse de encontro às necessidades da escola, isto é, que tivesse impacto na mesma.

Assim sendo, desde logo começamos a pensar no tema que mais se enquadrava com a escola. Surgiu-nos assim o tema ligado ao desporto/atividade física e a alimentação saudável. Este tema surgiu pelo interesse demonstrado pela nossa turma de 9.º ano e pelo projeto elaborado na escola de criar uma cantina própria para alunos que traziam almoços de casa.

Assim, após definir o nosso novo tema e definir o público-alvo, começamos a tratar de toda a organização do evento. Nomeadamente, os convites e contactos permanentes com as nutricionistas convidadas da FCNAUP da Universidade do Porto e realização de cartazes e convites para professores. Decidimos convidar as nutricionistas, uma vez que são os profissionais de saúde ligados à alimentação e são eles que estão preparados para debater esse tema.

Globalmente, consideramos que o trabalho desenvolvido até ao dia do seminário foi progressivo e adequado. Necessitamos de ter várias reuniões com as nutricionistas de forma a trabalharmos em sintonia e percebermos todos qual o papel de cada um de nós no seminário.

Durante a apresentação, e momentos antes, estávamos todos um pouco ansiosos, pois iríamos estar perante cerca de 60 pessoas. O nosso foco era o sucesso pleno na atividade e isso criou alguma ansiedade e nervosismo. No entanto, sabíamos o que tínhamos trabalhado e estávamos seguros do trabalho realizado.

Consideramos que a nossa postura foi correta, contudo tivemos momentos em que nos sentimos um pouco nervosos. O nosso objetivo foi falar e explicar a relação da

atividade física com a alimentação e da atividade física com o desporto. Quanto às nutricionistas, falaram e desenvolveram a parte ligada à alimentação.

Este evento fez-nos crescer e estar preparados para uma organização deste nível numa escola, pois tudo foi organizado por nós e fomos o centro de todas as atenções, antes, durante e após o evento. Foi um trabalho longo e árduo, mas, no final, saímos com a sensação de que fizemos um bom trabalho. O objetivo principal, que era dar mais algum conhecimento aos alunos nesta área e deixar a nossa marca na escola, consideramos que foram cumpridos com muito sucesso.

Julgamos que esta atividade foi muito bem-sucedida e que o trabalho valeu a pena, tendo em conta o resultado final.

Abordagem ao tema segundo uma análise *SWOT*

Consideramos que tivemos uma boa organização na realização de todas as atividades, desde a resolução das dificuldades que estivessem ao nosso alcance. No geral, destacamos o desempenho positivo e colaborativo de todo o grupo de Educação Física.

Como oportunidades, julgamos importante a experiência acumulada e os conhecimentos adquiridos pelo grupo de Educação Física no que toca à organização de torneios desportivos, corta-mato escolar e atividades desportivas. O envolvimento em outras áreas, nomeadamente os contactos estabelecidos com empresas e câmara municipal, possibilita-nos a aquisição de competências que nos podem ser muito úteis no futuro.

Em relação aos aspetos negativos, consideramos importante referir a falta de experiência na organização de atividades, pois mesmo sendo pró-ativos necessitamos de ajuda e ensinamentos, no que concerne à organização e planeamento de atividades, principalmente, quando essas atividades já vêm a ser desenvolvidas durante anos pelo grupo de Educação Física.

Como ameaças, temos a falta de importância dada pela comunidade às atividades desportivas. Isto é, a escola e os docentes no geral, com a exceção dos professores de Educação Física, dão, na nossa opinião, pouca importância às atividades desportivas, na medida em que marcam avaliações importantes nas datas das atividades, mesmo elas constando do plano anual de atividades. Por exemplo, na manhã do dia do corta-mato escolar, consideramos importante haver uma interrupção letiva. Se não houvesse aulas

nesse dia, teríamos certamente toda a comunidade envolvida na atividade o que seria importante para promover a prática desportiva nos alunos, professores e assistentes operacionais.

De um modo geral, o núcleo de estágio fez tudo o que tinha proposto e esteve sempre predisposto a participar em tudo o que foi solicitado pela escola e pelo grupo de Educação Física. Elaboramos, como referenciado acima, algumas atividades que deixaram a nossa marca na escola, nomeadamente o Seminário, o Jogo Professores contra Alunos e a lecionação da modalidade de Basquetebol.

2.2. Socialização profissional e institucional

Em relação à socialização profissional e institucional, como oportunidade, destacou-se o envolvimento com a comunidade escolar que nos permitiu perceber o meio em que estamos inseridos e como devemos lidar com ele, além da aquisição de contactos futuros e conhecimentos importantes.

Segundo Cortesão (2010), as percepções acerca das interações na escola constituem uma das dimensões do clima organizacional escolar que têm sido consideradas em diversos estudos e associadas à motivação e à satisfação no trabalho.

A direção da escola, assim como a restante comunidade escolar, foram um ponto facilitador de todo o nosso processo no âmbito das atividades desenvolvidas. Estes, estiveram sempre predispostos a cooperar e a auxiliar em todos os nossos pedidos de colaboração. A relação de proximidade existente foi um potenciador no desenvolvimento dos EE.

Aproveitamos todas essas oportunidades para enriquecermos e tentamos, sempre que possível, envolvermo-nos com a comunidade escolar, de forma a ganhar outras perspetivas para além dos professores de Educação Física.

Como ameaças, referimos a falta de tempo e os poucos momentos presenciais na sala dos professores. O facto de estarmos a maior parte do tempo no gabinete dos professores, faz com que haja menos convívio com os outros professores. Para colmatar essa ameaça, tentamos, sempre que possível, ir à sala dos professores escrever os sumários e tentamos ao máximo passar pela sala dos professores nos intervalos. Os lanches, são feitos no *buffet* da escola para tentar manter maior contacto com os outros professores. De acordo com Cortesão (2010), a comunicação deve constituir um elemento

facilitador das tarefas de ensino, assumindo-se como veículo de autorrealização do professor.

Apesar de ser difícil, devido ao facto de termos de preparar as aulas no pavilhão e perdermos mais tempo, fizemos todos os possíveis para conviver com a comunidade escolar.

2.3. Impactos da experiência e atuação

O professor deve criar impacto na sua atuação pelos diversos locais, turmas ou experiências que preenchem o seu currículo. Ou seja, devemos dinamizar, procurar ser competentes e fazer com que percebam o nosso valor.

A participação dos professores assume um papel central para alcançar o sucesso quer ao nível da gestão de uma escola, quer na busca adequada dos seus objetivos educativos (Cortesão, 2010).

Um professor não se deve focar apenas no contexto sala de aula, mas sim, procurar fazer mais qualquer coisa. Devemos agir, percebendo que podemos fazer a diferença nos alunos, com gestos simples, para lá da aula. Por vezes, perceber os problemas dos alunos fora do contexto de aula, ajuda-nos a ganhar uma turma, a potenciar bons alunos ou a resolver problemas pessoais das crianças da nossa comunidade escolar.

Tentamos agir de forma a criar um bom ambiente e a auxiliar o desenvolvimento dos nossos alunos. Durante vários momentos, o EE ajudou bastantes alunos, principalmente mais jovens, que precisavam de atenção e de alguém que lhes desse carinho. Nos alunos da nossa turma, verificaram-se melhorias significativas nos seus comportamentos e atitudes. Aí, percebemos que os professores, para além de todos os seus compromissos, têm um papel de educar cidadãos ativos e conscientes para enfrentar os desafios da sociedade.

No geral, considero que consegui deixar a minha marca na escola e nos meus alunos do 9.º A e 5.º B, sendo que as diferentes atividades realizadas foram a prova disso. As experiências vivenciadas durante este ano foram importantes para o meu crescimento e considero que também deixou marcas nas pessoas que fizeram parte desse percurso.

3. Desenvolvimento profissional

O desenvolvimento profissional tem como objetivo a análise relativa às dificuldades e necessidade de formações. Esta reflexão é fundamental, uma vez que, o EE deve compreender e perceber quais as suas qualidades e os seus principais erros, com o objetivo de melhorar a qualidade do processo de ensino e de aprendizagem.

Esta abordagem está dividida em dois pontos semelhantes, sendo o primeiro a abordagem às dificuldades e necessidades de formação e o segundo, a formação contínua.

3.1. Dificuldades e necessidades de formação

No percurso, o EE reconhece que era necessário a absorção dos diversos saberes e conhecimentos inerentes à nossa profissão. Foi imprescindível atualizar os meus conhecimentos, melhorando a nossa formação e também a nossa atuação, de forma a proporcionar maior qualidade no processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Segundo Bento (2004, p.322), “A formação trata-se de ampliar as possibilidades, visando aumentar e alargar o seu território e partir de aí afeiçoar em novos moldes a realidade”.

Neste ponto, definimos como pontos fortes a vontade de adquirir conhecimentos que nos tragam vantagens futuras e nos permitam melhorar o nosso desempenho. O facto de estarmos abertos a novas metodologias e processos de ensino permite-nos aperfeiçoar todo o processo de ensino e aprendizagem dos alunos. As formações na área do ensino permitem aos professores estarem num processo de ensino contínuo e atualizado de aprendizagem e conhecimentos.

De acordo com Marcelo (2009), hoje em dia é fundamental que os professores, da mesma forma que profissionais de outras áreas, se convençam da necessidade de ampliar, aprofundar, melhorar a sua competência pessoal e profissional.

De mais negativo, está a falta de tempo e flexibilidade de horários devido ao facto de ter um emprego paralelo ao estágio. O facto de termos de dedicar o nosso tempo livre ao emprego, que nos permite tirar alguma rentabilidade financeira, faz com que não nos reste muito tempo para frequentar formações importantes para os estagiários.

No que diz respeito às oportunidades, destacamos as formações constantes que a escola disponibiliza, não para nós, mas para os professores de Educação Física da nossa

escola. É importante participar nas formações para evoluirmos e, na escola onde estamos inseridos, vemos que os docentes valorizam muito esse aspeto.

Como ameaças, consideramos que não existem formações direcionadas para os estagiários que poderiam ser úteis para combater possíveis dificuldades sentidas ao longo do estágio.

Em relação às oportunidades analisadas, temos de saber aproveitar ao máximo as formações que tivemos e pô-las em prática nas nossas aulas. Durante o nosso percurso, os colegas de Educação Física estão sempre em constantes formações dadas pela escola e, se tivéssemos essa possibilidade, de certeza que aproveitaríamos.

A principal ameaça, baseia-se na falta de formações destinadas aos estudantes estagiários. Isso faz com que os professores que ainda estão a aprender a dar aulas, não se enquadrem nessas mesmas formações. As estratégias que poderíamos usar para colmatar essas ameaças seria, o ISMAI facultar aos estudantes estagiários, formações específicas que favorecessem os seus alunos e melhorassem a sua prestação no ano de estágio.

Para finalizar, o EE considera que as observações e reflexões de aulas são importantíssimas na formação dos professores. O facto de refletirmos, em todas as aulas, sobre a nossa prática e permitir assim trocas e partilhas de ideias, permite-nos ficar mais preparados e ganhar constantemente conhecimentos novos. Segundo Reis (2011), a observação desempenha um papel fundamental na melhoria da qualidade do ensino, constituindo uma fonte de inspiração e motivação.

3.2. Formação contínua: um imperativo da profissão

Como uma continuidade do ponto anterior, percebemos que a formação de um profissional docente não deve ser restrita a um momento único, mas sim, a um processo contínuo de formações e atualizações de conhecimentos. Partilhando da mesma opinião de Cunha (2010), que afirma, que na sociedade atual, caracterizada pela constante mudança, todos os docentes têm a necessidade de atualizar conteúdos, técnicas, métodos e saberes, bem como realizar uma permanente autoavaliação, ou reflexão, pois a simples prática de ensino não garante o seu sucesso e progressão.

Apesar de termos uma bagagem de 5 anos de conhecimentos e aquisição de saberes relativos à nossa área, reconhecemos que os professores devem e têm de ter

formações contínuas e presentes durante toda a sua carreira. Nós, EE, recém mestrados, reconhecemos que a existência de formação, mesmo no momento do estágio, seria um auxílio muito importante e útil no processo de ensino-aprendizagem por nós trabalhado.

Segundo Nóvoa (1991), devemos valorizar paradigmas de formação que promovam a preparação de professores reflexivos, que assumam a responsabilidade do seu próprio desenvolvimento profissional e que participem como protagonistas na construção da sua própria formação.

IV. REFLEXÕES FINAIS

4.1. Experiência pessoal e profissional

O relatório elaborado representa o caminho percorrido ao longo deste ano letivo, que culmina na finalização de uma etapa de aprendizagem. Durante este percurso foram superados muitos desafios, obstáculos e expectativas, que possibilitaram uma transformação a nível profissional e pessoal.

Desde a responsabilização pela organização e gestão do processo de ensino-aprendizagem, às relações estabelecidas com os alunos, o núcleo de estágio e a comunidade escolar. Todas estas experiências enriqueceram o percurso do mestrando.

No entanto, estas duas dimensões do ser professor não se separam. Dentro e fora da aula, o papel do professor não se limita ao ensino de conteúdos. É necessário adaptar as estratégias de forma a proporcionar a todos os alunos, com mais ou menos dificuldades, a oportunidade de aprender e crescer nas suas três dimensões “saber ser”, “saber, saber” e “saber estar”. Atendendo às especificidades de cada aluno e de cada turma, focando a sua aprendizagem, potencia-se a educação dos alunos de modo a tornarem-se cidadãos mais capazes e responsáveis.

Enquanto professor estagiário, procurou-se adotar uma postura de responsabilidade ética e social exemplar, de atualização profissional constante, de modo a corresponder às exigências que a prática coloca. Deste processo, resultou uma evolução das competências profissionais e pessoais do mestrando.

Tal como defendido por Resende, Silva, Albuquerque, Lima e Castro (2014) a identidade profissional do professor de Educação Física é construída através de escolhas e do envolvimento profissional, ao longo da vida, e do aprofundamento e reorganização do conhecimento de modo a melhorar a prática. Este processo de aprendizagem está dependente do investimento e comprometimento do próprio com a profissão.

4.2. A componente ético-profissional

No domínio da ética profissional, o professor estagiário deve assumir um papel ativo na participação e gestão das atividades inseridas na comunidade escolar, procurando ser um vetor da evolução no meio em que se encontra.

Segundo Costa e Lima (2012) o estágio contempla a função social que, não se limitando à realização da função técnica, representa uma atividade desenvolvida por sujeitos pensantes que pode promover mudanças no espaço em que se inserem, nomeadamente no trabalho e na sociedade.

Neste seguimento, a atitude proactiva e exemplar do professor estagiário concretiza-se, não só no ambiente e comunidade escolar, como também no seu impacto indiscutível na educação dos alunos.

No entanto, para que a realização destes objetivos seja possível, o professor deve atuar de forma integrada, com os outros profissionais, uma vez que o esforço coletivo permitirá completar e potenciar o processo de ensino, bem como permitir uma maior compreensão e atualização dos conhecimentos.

De acordo com Nóvoa (2018) o diálogo entre os professores assume um papel fundamental no sentido de consolidar conhecimentos emergentes da prática profissional. No entanto, a constituição de redes coletivas de trabalho apresenta-se como um fator decisivo na socialização profissional, possibilitando a afirmação dos valores da profissão docente.

Conclui-se que, a vontade de querer ser mais e melhor, de querer dar um pouco de si em tudo o que se faz, é essencial para o exercício desta atividade profissional, integrando sempre a atuação individual e coletiva.

4.3. Realidade do contexto escolar: impacto da PES

Pereira e Fraga (2017) caracterizam a prática pedagógica como um fator de socialização dos futuros profissionais que promove a familiaridade destes com as crenças e valores das instituições e sistemas educativos. A prática configura a sua atuação e fornece informações sobre as especificidades da atividade profissional num determinado contexto e momento histórico, geográfico e social.

Neste sentido, ao longo do primeiro ano do 2.º ciclo de formação em Ensino de Educação Física, os mestrandos tiveram a oportunidade de aprender como desempenhar as funções do professor de Educação Física. Todavia, o seu enquadramento no contexto real, cujas especificidades obrigam à adaptação e evolução do mestrando é apenas possível através do contacto mais direto com a prática pedagógica.

Neste contexto a prática surge como ferramenta de consolidação dos conhecimentos adquiridos. Sendo que, para a realização dos objetivos propostos, a relação estabelecida entre o núcleo de estágio, a escola, os alunos e os professores foi determinante, tal como refere Lima, Benites, Resende e Cardoso (2018),

“A formação do PE de Educação Física no momento do EPS congrega as experiências e conhecimentos disseminados na relação com os alunos da escola, com o professor cooperante e orientador, sendo essa dinâmica importante para a construção da identidade do futuro professor. “

A partilha e reflexão sobre os processos inerentes e exigências da atividade docente, possibilitam o crescimento do professor estagiário permitindo a formação da sua identidade profissional. Os desafios colocados pela prática e os obstáculos que foram ultrapassados foram fundamentais para a capacidade de resiliência, potenciando o desenvolvimento, pessoal e profissional do mestrando. As competências pedagógicas foram sendo exploradas e aprimoradas, resultando na melhoria substancial do mestrando relativamente à organização e gestão do processo de ensino-aprendizagem.

Globalmente, considera-se que as metas e objetivos propostos foram atingidos, uma vez que enquanto professor estagiário, o mestrando adquiriu as ferramentas necessárias, a autonomia e a destreza para num futuro se afirmar como um profissional de excelência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alarcão, I. & Roldão, M. (2008). Supervisão. Um contexto de desenvolvimento dos professores. Mangualde: Edições Pedago.

Albuquerque, A., Graça, A. & Januário, C. (2005). A supervisão pedagógica em Educação Física – A perspetiva do orientador de estágio. Editora: Livros Horizonte.

Albuquerque, A., Teixeira, R., Lima, R., Gonçalves, F., & Resende, R. (2014). As perceções dos futuros professores de educação física sobre a sua influência social. In P. Batista, P. Queirós, & R. Rolim (Eds.), Formação inicial de professores: Reflexão e investigação da prática profissional (pp. 109-126). Porto: Educar.

Assunção, L. & Pinheiro, V. (2009). A Observação no Contexto Desportivo – Sistema de Observação do Tempo de Aula (Treino) – ATA. Consultado a 02 de maio de 2018, disponível em <http://www.academia-de-talentos.com/aobservacao-no-contexto-desportivo>.

Bento, J. (2003). Planeamento e avaliação em Educação Física (3.^a Ed.). Lisboa: Livros Horizonte.

Bento, J. (2004). Desporto: discurso e substância. Porto: Campo das Letras.

Bento, J. (2008). Da coragem, do orgulho e da paixão de ser professor: auto-retrato. Lisboa. Editora: casa da Educação Física.

Bratfische, S. (2003). Avaliação em educação física: um desafio. R. da Educação Física/UEM Maringá, v. 14, n. 2, p. 21-31.

Bryan, L. (2000). Student teachers as researchers: using teacher inquiry projects to promote reflective practice during field experiences. Paper presented at annual meeting of American Educational Research Association. New Orleans.

Cardoso, L., Araújo, G., Souza, M., Ferreira, P., Gonçalves, S., e Santos, V. (2011). A importância do planeamento para o professor de Educação Física. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires - Ano 16 – N.º 157. Consultado a 26 de maio de 2018, disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd157/a-importancia-do-planejamento-para-educacao-fisica.htm>

Cortesão, M. (2010). Clima escolar, participação docente e relação entre os professores de educação física e a comunidade educativa. Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra para a obtenção do grau de mestre, orientada por Armanda Pinto da Mota Matos.

Costa, E., & Lima, M. (2012). Os desafios da aprendizagem da profissão e o estágio. Revista Expressão Católica, 1(2).

Cunha, A. C. (2010). Representação do “bom” professor: O “bom” professor em geral e o “bom” professor de educação física em particular. Educação em revista, 11 (2), 41 52.

DGE. (2017). Programa do Desporto Escolar. 2017-2021.

Flores, M. (2010). Algumas reflexões em torno da formação inicial de professores. Porto Alegre, v.22, n.3, p.182-188.

Gonçalves, F., Albuquerque, A. & Aranha, A. (2010). Avaliação: Um caminho para o sucesso de ensino e de aprendizagem. Maia: Edições ISMAI.

Gomes, P. & Graça, A. (2001). Educação física e desporto na escola: novos desafios, diferentes soluções. Universidade do Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

Jacinto, M. (2003). Formação inicial de Professores – Conceções e práticas de orientação. Editora: departamento de Educação Física – Ministério da Educação.

Maciel, J., Feitosa, J. & Silva, M. (2012). A importância do estágio curricular supervisionado na formação dos acadêmicos do curso Licenciatura em Educação Física da Faculdade Leão Sampaio em Juazeiro do Norte, CE. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 17, Nº 173, Octubre de 2012. Consultado a 25 de maio de 2018, disponível em: <http://www.efdeportes.com/>

Larraín, L. (2011). Donalds Schon: una práctica profesional reflexiva en la Universidad. *Compas Empresarial* V.3 – n. 5. pg. 14-25.

Lima, R., Benites, L., Resende, R., & Cardoso, S. M. (2018). Reflexões dos futuros professores de Educação Física sobre o seu processo de formação académica (Vol. 36).

Machado, E. (2011). Construção de referenciais para avaliação do desempenho docente- Um roteiro reflexivo.

Marcelo, C. (2009). Desenvolvimento profissional docente: Passado e futuro. *Sísifo: Revista de ciências da educação*, 1(8), 7-22.

Marcon, D., Graça, A., & Nascimento, J. (2011). Interfaces entre as práticas pedagógicas e os estágios curriculares na formação inicial e suas implicações no conhecimento pedagógico do conteúdo dos futuros professores. *Práxis Educacional*, 7, 129-155.

Marzinek, A. (2004). A motivação de adolescentes nas aulas de educação física. Dissertação de mestrado Universidade Católica de Brasília.

Matos, Z. (2014). Normas Orientadoras do Estágio Profissional do Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário da FADEUP. Porto: FADEUP.

Melo, L. (2009). A supervisão escolar no âmbito do processo de ensino e aprendizagem. Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro.

Nóvoa, A. (1991). Concepções e práticas de formação contínua de professores. Universidade de Aveiro, 15-38.

Leandro, T., Batista, P. & Graça, A. (2014). Os programas de formação inicial de professores de Educação Física nas Universidades Públicas Portuguesas: Estrutura e fundamentos. In P. Batista, A. Graça & P. Queirós (eds.), O estágio profissional na (re)construção da identidade profissional em Educação Física. Pp. 113-141. Porto: Editora Fadeup.

Oliveira, I., Braga, A., & Prado, C. (2017). Participação da família no desenvolvimento da aprendizagem da criança (Vol. 7).

Pais, A., & Monteiro, M. (1996). Avaliação uma Prática Diária. Lisboa: Editorial Presença.

Pereira, G., & Fraga, N. (2017). A Prática Supervisionada e o Desenvolvimento Profissional dos Educadores / Professores Cooperantes: a simbiose de uma relação pedagógica.

Pimenta, S. & Lima, M. (2012). Estágio e docência. São Paulo: Cortez.

Quina, J. (2009). A organização do processo de ensino em Educação Física. Instituto Politécnico de Bragança. Bragança, Portugal.

Queirós, P. (2014). Da formação à profissão: O lugar do estágio profissional. In P. Batista, A. Graça & P. Queirós (eds.), O estágio profissional na (re)construção da identidade profissional em Educação Física. Pp. 67-83. Porto: Editora Fadeup.

Reis, P. (2011). Observação de Aulas e Avaliação do Desempenho Docente. Ministério da Educação – Conselho Científico para a Avaliação de Professores.

Resende, R., Silva, E., Albuquerque, A., Lima, R., & Castro, J. (2014). Identidade profissional docente: Influência do conhecimento profissional.

Ribeiro, L. (1999). Tipos de avaliação: Avaliação da aprendizagem. Lisboa: Texto Editora.

Rink, J. (2014). Teaching physical education for learning (7th ed ed.). New York: McGraw Hill.

Saraiva, D. (2002). Participação dos professores na escola. Revista do ISPV, 1(25), 1-11.

Souza, J., Bonela, L. & Paula, A. (2007). A importância do estágio supervisionado na formação do profissional de Educação Física: uma visão docente e discente. MOVIMENTUM - Revista Digital de Educação Física - Ipatinga: Unileste-MG-V.2 - N.2.

Siedentop, D. (2008). Aprender a ensinar la educación física. Barcelona: Inde.

Tojal, J., Costa, L. & Beresford, H. (2004). Ética profissional na Educação Física. Rio de Janeiro: Shape.

Vickers, J. N. (1990). Instructional Design for teaching Physical Activities. A Knowledge Structures Approach. Champaign. Publishing Company.